



DR. WALDEMAR LEANDRO

Magistrado

Ex-professor de Direito Escritor de obras jurídicas Membro do Centro de Estudos Espíritas de São Paulo

A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA DO ESPIRITISMO

(Depoimento de um Magistrado e ex-professor de Direito)

Contendo:

Os Perigos do Uso Indiscriminado da Hipnose Exorcismo — Possessão — Obsessão Habitações Mal-Assombradas As Perturbações Mentais A Cremação do Cadáver, Ante a Crise da Morte E outros.

NÚCLEO ESPÍRITA CAMINHEIROS DO BEM DEPARTAMENTO EDITORIAL:

LAKE — Livraria Allan Kardec Editora Rua Monsenhor Anacleto, 199 — Brás Fones: 229-0935, 229-1227 e 229-0526 CEP 03003 — Cx. Postal 15.190 São Paulo — BrasilÍNDICE

Apresentação.....	9	
Existe a Infalibilidade dos Espíritos?		13
O Corpo e o Espírito	15	

O Que é O Espiritismo	21
A Reencarnação e seus Diferentes Aspectos	25
Vista Panorâmica dos Fenômenos de Reencarnação, na Crosta Terrestre	29
A Mediunidade	32
Jesus e os Milagres do Evangelho.....	35
Os Primeiros Sinais da Mediunidade	38
Os Grandes Perigos do Hipnotismo.....	39
O Anjo da Guarda de Cada Um	40
A Água Fluida, a Fé, a Prece e os Passes Espíritas	42
Outro Curioso Caso com a Água	43
Levitação	45
(Levantamento das mesas)	46
Umbanda	47
Quimbanda — Candomblé	— Macumba 50
A Poderosa Mediunidade Pode Ser Atribuída Tanto às Más, Como às Boas Pessoas	51
Exorcismo Possessão — Obsessão	52
Habitações Mal Assombradas (Várias manifestações de efeitos físicos)	54
O Homem Que Não Conseguia Dormir	58
Considerações Sobre as Leis: Divina, de Moisés, e dos Homens	60
Manifestações Espíritas	62 I
(Fenômenos de transporte)	63 I
Mediunidade Gratuita: razões dessa conveniência	64 I
Das Mistificações, Contradições. Charlatanismo e Embuste ...	65 I
As Perturbações Mentais Tratadas Pelo Espiritismo	66
(Meio de salvar o emprego do viciado)	68
Se o Exercício da Mediunidade Pode Provocar a Invasão de Maus Espíritos e Suas Consequências	69
A Cremação do Cadáver, Ante a Crise da Morte	70
A Mensagem de Francisco Cândido Xavier	72
O Divórcio, Segundo o Espiritismo	73
O Belo e o Sexo	74
O Que Existe Contra a Evocação dos Mortos	75
O Estilo e a Identidade dos Espíritos	76
Os Riscos Que Correm os Médiuns Por Imprudência	78
Referências Bibliográficas	

APRESENTAÇÃO

O principal objetivo deste livro é o de ministrar esclarecimentos às pessoas, espíritas ou não, que buscam respostas às suas indagações mais frequentes sobre o que é o Espiritismo e a sua fenomenologia.

Para melhor desempenhar o nosso papel e não sentirmos tão só, colhemos o que existe de melhor nos grandes escritores, nacionais e estrangeiros,

principalmente, o maior — Allan Kardec —, sempre que abordamos matéria de Doutrina Espírita. Assim, não só nos escudamos de eventuais dúvidas, de manifestar improcedência, como pretendemos servir à divulgação de boa literatura existente do ramo.

Para o benefício da obra, valem os nossos ocasionais conhecimentos de parte da ciência médica, da matéria de especialidade do Direito, aliadas não só à pesquisa espírita, como a coincidente experiência dos inúmeros fenômenos mediúnicos, que sentimos e testemunhamos.

Ao sábio professor Charles Richet, Prêmio Nobel e catedrático da Sorbone, tomamos de empréstimo a consideração de que parte da Fenomenologia, a qual se convencionou chamar-se "sobrenatural", possa ser produto de truques, ilusionismo, miragem ou mesmo sugestão, do efeito de determinadas drogas hipnógenas, etc., ¹¹ não há dúvida que sobra, argumenta, uma série de constatações, que desafiam qualquer crítica e que demonstram, de maneira absoluta, essa estranha faculdade do homem possuir conhecimentos que não lhe são trazidos pelos seus sentidos normais. Essa considerável parcela, por fim aludida, é a que se enquadra no campo do Espiritismo, não há que confundir.

A explicação científica do Espiritismo Completa Bergson no seu livro "Les deux sources de la Morale et de la Religion". — Se se põe em dúvida a responsabilidade das manifestações... depois de milhares de depoimentos concordantes, recolhidos sobre elas, então, o que se deverá considerar como inexistente, é o próprio testemunho humano. E, nesse caso, pergunto: — O que aconteceria com a História?

Em capítulo especial estampamos os grandes perigos do Hipnotismo em mãos inábeis, o que por si só vale um livro a mais.

Além de ciência e religião, o Espiritismo, também, é Arte ("Revista Espírita", vol. 3, março 1863, pgs. 67, 69; "Repertoire du Spiritisme", I.ª ed., pgs. 178, 226, 276 e 277.) Na verdade, tem ele templo próprio (Centros espíritas), onde se fazem as orações baseadas no Evangelho, servindo de base à todos trabalhos espíritas, sob a evocação inicial do nome de Deus.

Segundo "O Livro dos Médiuns", no capítulo "Vocabulário Espírita", "o Espiritismo é uma doutrina fundada na crença da existência dos Espíritos e em suas manifestações"; e no "Repertoire du Spiritisme" (pg. 305) cita "o Espiritismo é uma ciência e não uma religião.. o n d e também se lê (a tradução é nossa) "a vantagem do Espiritismo é de não estar atado a nenhuma religião, é de atrair os homens esclarecidos de todos os cultos". Como acontece, por exemplo, com o Judaísmo, que não é uma raça, mas uma religião, do que resulta haver judeus de diferentes espécies humanas, de sorte que, pelo mesmo princípio, poderia haver espíritas de credos diversos.

A base do Espiritismo é o ditado transmitido pelos Espíritos, segundo Carlos Imbassahy ("À Margem do Espiritismo", 3.ª ed., pg. 14). Os espíritas católicos,

não obstante aquele material que forma as raízes do Evangelho, segundo o Espiritismo, acreditam seja complementado em grande parte pela Bíblia, como se vê, pela simples leitura dos textos. Aliás, no Além, todos se transformam em Espíritos, não importa as religiões da Terra. Observe-se que o autor, acima citado, na mesma obra, menciona que "O Livro dos Espíritos" foi inspirado por São João Batista, o santo de todos os cristãos, protestantes, etc..

Para nós, o princípio do reencarne está, implicitamente, contido na definição que demos ao Espiritismo: *"crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações^{1*}*. De sorte que, aquela consequência será mais uma das suas manifestações, estabelecendo uma corrente entre entidades encarnadas e desencarnadas. Para dar um exemplo do culto das Artes "d'outre tombe", citemos ainda Crouzet, ("Répertoire", pg, **212**, parte final) — *"A música e as harmonias celestes: há na erraticidade obras musicais e instrumentos de uma perfeição, dos quais os nossos não podem dar uma ideia***; ("Revista Espírita", **1859**, pgs. **123/125**; id. **1869**, pg. **30**). E, também, as esculturas, pinturas e as execuções magistras de gênios de cada especialidade que viveram na Terra, para transmissões à crosta terrestre, através dos médiuns. No "Livro dos Espíritos" n.º **521**, responde ao codificador do Espiritismo sobre se podem certos Espíritos auxiliar o progresso das Artes: *" Há Espíritos protetores especiais, e que assistem aos que os invocam quando os julgam dignos; mas que quereis, porém, que eles façam com os que crêem ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos verem, nem que os surdos ouvirem***. Foi pensando nisso que tomamos a prudência de submeter o esboço deste serviço à pré-apreciação e diagnóstico do nosso Centro de Estudos.

Sustentamos, de início, que há no Espiritismo ciência e arte. É claro que se contém nas obras de Allan Kardec, Léon Denis, Flammarion, Bozzano e tantos outros verdadeiras jóias de Literatura Espírita, onde as figuras dos cientistas se mesclam com as dos artistas. E, as telas de pintura, elaboradas por médiuns de incorporação dos espíritos de Miguel Ângelo, Rubens? A maravilhosa música de Chopin, por ele mesmo, já falecido há muito tempo, executada ao vivo, para o deleite dos mortais, através do fenômeno de incorporação de uma criança, ou jovem pianista, iniciante, incapaz de operar de tal forma, ou habilidade, por- si mesmo? Será necessário seguir com a exemplificação? Não acreditamos .necessário.

O Autor

EXISTE A INFALIBILIDADE DOS ESPÍRITOS?

Tudo o que aprendemos na Terra fica registrado no nosso perispírito. Esse conhecimento nos acompanha após o desencarne. De sorte que, o espírito dos mortos só possui uma instrução limitada ao grau de seu desenvolvimento. Consequentemente, em suas mensagens aos vivos não podem informar mais do que sabem. Resulta daí, que as suas informações poderão ser mais ou menos verdadeiras. Por outro lado, há entidades espirituais que, através de muitas encarnações, estão em instrução e cultura muito mais avançadas do que nós. Por isso, Allan Kardec aconselha analisar, sempre, a qualidade das comunicações, como o garimpeiro o faz com o seu instrumento de trabalho a bateia, a fim de ver brilhar no fundo, após a lavagem da areia, o cascalho diamantífero.

É de Jesus desde os tempos bíblicos a frase "Amai-vos uns aos outros" e há uma grande variedade de formas de fazê-lo, desde a caridade, o consolo, a orientação, a entrega de trabalho, até o perdão das ofensas aos nossos inimigos.

Inexiste força mais poderosa do que o amor. Mas, fracos e imperfeitos como somos, possuímos desejos contrários, de vingança, por exemplo, contra os que nos fazem mal. E, nos perguntamos, como obedecer àquelas instruções sem violentar a nossa natureza, instituída pelo próprio Criador?

Consideremos, em primeiro lugar, que Deus, na sabedoria suprema, com que dirige todas as coisas é infalível. Segundo, não nos encomendaria tarefas superiores às nossas forças. Por isso, devemos ler e estudar os livros espíritas, a começar pelo Evangelho, pedindo todo o auxílio, ao nosso alcance, para a compreensão e boa interpretação dos decretos da divina providência e o caminho nos será indicado.

No caso em tela, não seria possível passar, diretamente, do ódio ao amor. A natureza, ela mesma e tudo o que foi criado, "non facit saltus", vale dizer, não criou as espécies, nem o gênero humano, de uma só vez, mas paulatinamente, estabelecendo laços intermediários, interligando uns dos elementos aos outros, harmonicamente. De sorte que, há outro meio, intermediário, para desbastar a cerca impeditiva da transformação. Podemos começar pelo perdão, ainda que não esqueçamo-nos das ofensas, conforme as experiências do cotidiano. Mas, o passo seguinte se constitui no pedido a Deus, para que nos ajude a esquecer, o que conseguiremos, com algum tempo, paciência, boa vontade, persistência e tolerância, virtudes essas que todo o bom cristão cultiva, obrigatoriamente. E, ainda, acrescentaremos a fé que, na palavra do Mestre, remove montanhas.

Nessa altura, torna-se mais fácil augurar o bem aos nossos desafetos e orar por eles.

Como é gratificante ao destinatário de nossas preces sentir que alguém ora por ele! Desarmado espiritualmente, o ex-inimigo nos devolve a gratidão. Aí está, já, cumprida a Lei.

Em se tratando de casais desavindos, por quaisquer incompatibilidades superadas, no interesse comum e da família, podem até voltar a se amarem, como antigamente. Cabe aqui a citação da maravilhosa imagem literária do filósofo e escritor Vargas Vila: "em todo ódio que já foi amor, há mais amor que ódio".

No Espiritismo a justiça divina não se contenta, porém, com o simplescômodo arrependimento. Essa boa intenção ajuda, mas, o resgate das ofensas se faz com o pagamento, até o "último ceitil". Esse débito se paga de duas formas: pelo sofrimento, ou pelo trabalho edificante, com fervor amoroso, ou com ambas as coisas. Assim, encurtamos ou minimizamos as provações.

Segundo as normas do Espiritismo, quem cultiva ou alimenta a malquerença, fica sujeito à perseguição dos espíritos inferiores, seus desafetos desencarnados, através de obsessão, principalmente quando emite maus pensamentos.

A literatura espírita registra até casos de auto-obsessão. E, também, após o desencarne, irá ser instrumento de semelhante malefício. Muito será o sofrimento daquele impenitente, se não seguir a trilha do bem. De sorte que, não convém ter inimigos, porque aquele que faz o mal, o recebe em dobro. Por outro lado, o bem que desejamos ao próximo, nos é retribuído na mesma medida. As vibrações desta natureza são bem recebidas por todos os espíritos, dos vivos e dos mortos, ao passo que as de efeito negativo nos dão o choque de retorno.

Para melhor compreensão da matéria precisamos explicar o mecanismo da mediunidade, que é o meio de intercomunicação entre os espíritos.

Nós, os humanos, possuímos o corpo, o espírito e o perispírito, ao passo que nossos irmãos desencarnados só não possuem o corpo. O perispírito é comum; uma vez que os mortos, também, dele são possuidores, é o "laço que prende o espírito ao corpo" (vide o livro de Eliseu Rigonatti — "52 lições do Catecismo Espírita", pg. 46). É invisível, salvo para os médiuns videntes. Forma um corpo etérico e fluídico, e funciona como material de trabalho dos médiuns, quer da Terra, como do espaço. Além disso, forma a corrente eletromagnética, interligando os poderes da nossa mente com as forças das entidades desencarnadas, impulsionadas pela concentração dos pensamentos dos médiuns terrestres.

Finalmente, tais elementos são imantados. É por isso que não devemos ter maus pensamentos, pois, diante da lei da afinidade, o mal atrai o semelhante, assim como os bons pensamentos chama os bons espíritos, tal como um imã o faz em relação à limalha de ferro. Não pensemos em doença, porque atraímos os

espíritos inferiores interessados nos malefícios, que podem agravar a situação, ou mesmo, desencadear males orgânicos.

Cultivemos, pois, a teoria do pensamento positivo. Aproveitemos a grandiosa lição do espírito André Luiz, quando nos adverte: "Não podemos evitar que a ave de rapina cruze os ares sobre a nossa frente, mas podemos impedir que faça ninho em nossa cabeça." ("Missionários da Luz", 13.⁸ ed., FEB, psicografado por Francisco Cândido Xavier, pg. 303). É importante e oportuno que o leitor procurasse ler outros trechos dessa obra, especialmente o capítulo intitulado "Vampirismo".

O CORPO E O ESPIRITO

Julgamos oportuno observar que no "Dicionário Prático Ilustrado", da língua portuguesa, de Jaime de Seguíer, obra atualizada por José e Edgard Lello (Porto), da literatura comum consta da definição de VAMPIRO, na crença popular, a ideia de "morto que sai à noite, da sepultura, para chupar o sangue dos vivos". Em sentido figurado, "pessoa que se enriquece com os bens e trabalhos de outrem". Em sentido zoológico, "são grandes morcegos, mamíferos, que se sustentam de frutas, de insetos e sugam o sangue dos animais e dos homens adormecidos".

O nosso diretor espiritual, do Centro de Estudos Espíritas de S. Paulo, o conhecido escritor e médium Eliseu Rigonatti, costuma brindar com coadjuvantes instruções doutrinárias. O objeto da pregação de uma das noites foi a respeito das relações entre o corpo e os espíritos. O conferencionista elucidou que, embora o corpo seja usado pelo espírito, não é ele que sente as sensações oriundas de nossos cinco sentidos, mas o Espírito que o nosso corpo hospeda, ou que transitoriamente se constitui em nossa morada, durante uma vida terrestre. De sorte que, na embriaguês, por exemplo, não é o corpo que vicia, porém, p nosso espírito.

No caso do espírito dos mortos já demonstramos, na citação do precioso livro, "Missionários da Luz", psicografado por Francisco Cândido Xavier (pgs. 36, 40, 55, 59), por que processo se exerce a função do vampirismo, utilizada pelos maus espíritos desencarnados, para sugarem a substância vital dos seres terrestres.

Nunca é demais lembrar a lei da afinidade e as influências dos pensamentos entre as entidades de nosso planeta e as do Além. Os viciados se entendem, como neste globo. Os espíritos desencarnados só deixam de vampirizar os seus iguais da Terra, à medida que se espiritualizarem na senda do progresso moral é intelectual. Só o espírito encarnado depende do corpo, objetivando usufruir as sensações da carne. O espírito desencarnado possui a faculdade, em contacto com os seres humanos inferiores ou viciados, de

alcançarem aquelas mesmas finalidades, vampirizando as suas vítimas.

A nossa boa conduta social, moral e a prática do bem, do amor ao próximo, é o melhor remédio contra a possibilidade dos males do vampirismo. E, conseqüentemente, o maior risco de contágio infectuoso será, logicamente, um modo de procedimento contrário.

Outro exemplo, da retidão da conduta do verdadeiro espírita, está contido na advertência do próprio Mestre, quando pronunciou a lição: "Se as nossas mãos ou os nossos olhos fossem motivos de escândalo, deveriam ser cortados ao penetrarmos no templo da vida/" ("Missionários da Luz", pgs. 159, 160). É por isso que muitas pessoas são cegas de nascença, ou aleijadas. Há ainda, mais uma ilação: não só no templo que devemos ser puros, mas, igualmente, fora dele. De sorte que, a crosta terrestre figura como "templo" maior, no viveiro humano. Finalmente,- demonstra a severidade da justiça divina para os malfeitores e explica a diferença de meio de vida, entre os homens neste mundo, segundo os seus débitos e os seus créditos, do passado, presente e do futuro.

O nosso meio de vida, ou profissão, muito tem a ver com as passadas encarnações. Os médicos, por exemplo, são pessoas que espalharam atrozes sofrimentos a seus irmãos, antes do último desencarne. De sorte que, agora, vêm com a quase divina missão de aliviar a dor de seus semelhantes na Terra "sedare dolorem divinum opus est", com o que resgatam pelo trabalho o seu pesado débito cármico. Mercê de Deus, pois deixam de pagar pelo sofrimento. Assim, os juízes, a quem Jesus atribuiu a faculdade de julgar o próximo; mas, ai deles, se falharem conscientemente. Tudo se pactua pelos princípios de racionalidade e do livre arbítrio responsável. Sobre a conduta do adepto do Espiritismo, recomendamos o livro de Eliseu Rigonatti: "O Espiritismo Aplicado".

O médium não pode obrigar o espírito a se manifestar contra a sua vontade e a permissão de Deus.

Os espíritos inferiores são mais fáceis de comparecer, mediante invocação, ou mesmo, espontaneamente. É que estão mais próximos de nós e interessados nos vícios humanos e nos sentimentos de vingança contra os seus desafetos, ainda viventes; até que sejam doutrinados e encaminhados, na senda do seu aprimoramento.

Em abono da teoria do caráter de ciência do Espiritismo, nos escudamos na autoridade de Ernesto Bozzano ("Metapsíquica Humana", FEB.) Alerta que a expressão "provas cruciais", encontradas na pesquisa científica da fenomenologia espírita, não deve ser entendida no sentido de "provas absolutas". É que "não há quem ignore ser absurdo e impossível pretender prova absoluta num ramo de saber qualquer ou numa circunstância de vida, seja ela qual for... (omissis) e contínua", não o podem fazer, assim como também nós, porque nenhum representante da ciência oficial, jamais, poderá fornecer "prova absoluta" de qualquer coisa. É isso pela simples razão de que nós mesmos, pobres

individualidades condicionadas, vivemos no "relativo", não podendo jamais^ afirmar uma coisa em termos de certeza absoluta.

Agora, as nossas considerações — provas "absolutas" —, gerariam a tal "certeza absoluta", repelida pela filosofia do sábio cientista italiano, dentro da teoria universal da lei da relatividade. Mas, definamos o que vem a ser certeza: é ela o estado de espírito, de quem afirma uma coisa, sem receio de errar. Embora, é preciso que se ressalte: a fé, em si, constitui uma das colunas mestras da prática do Espiritismo, o qual a quer, nas preces, a mais fervorosa possível. Não há confundir conceitos diversos. O que Bozzano sustenta¹ é que a fé nunca poderá dispensar a força probante das. investigações — "indicações e deduções" —, objetivando as demonstrações dos fenômenos espíritas, experimentalmente. E mais: é nisso que. perde o seu caráter de religião — esta sim, baseada apenas na convicção de fé, sem necessidade de comprovação. Aliás, a fé-crença, como a própria palavra indica, fornece um crédito de confiança, o qual exclui a certeza, demonstrada pelos fatos verificados no curso da história do Espiritismo; que outros objetivos não têm que dar prova ou testemunhar, através das manifestações espíritas da verdade dessa ciência. E, a finalidade não é satisfazer a curiosidade que despertam, ou o divertimento resultante, porém, a divulgação da Doutrina.

Todas as religiões cristãs são baseadas na Bíblia. Algumas, porém, diferem das outras, tanto na parte da liturgia, como em tópicos do Livro Sagrado. A questão do pagamento do "dízimo", por exemplo, à, igreja é uma parte questionável. Não é justo que a contribuição para as despesas do templo seja igual, relativamente a todos os fieis. Quem é rico pode oferecer mais, a classe média, menos, e os pobrezinhos, por razão de justiça, não só nada devem contribuir, mas, ainda, receberem através dos serviços sociais das igrejas.

As escrituras foram feitas há muitos séculos, parte se perderam, parte sofreram o enxerto dos mal-intuídos. De sorte que, aí, se deve distinguir o que é oriundo das instruções de Cristo do que não o é. Nisso, "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Kardec, constitui uma obra divinamente inspirada. (Ver, também, "O Evangelho dos Humildes", de Eliseu Rigonatti).

No Espiritismo, o médium deve analisar as mensagens dos espíritos, para acolhê-las ou rejeitá-las como boas ou más. É que o espírito desprendido da carne conserva todas as virtudes, bem como todos os vícios e as imperfeições de caráter, tal como era na Terra. Situação que só muda com o desenvolvimento espiritual obtido no espaço, ou através das reencarnações sucessivas. Há, assim, espíritos atrasados e inferiores que mentem, falsificam a sua identidade, a fim de ostentar grandeza que não têm e, até, mistificam, visando a confundir os médiuns, comprometê-los e, também, a assistência, a qual, por falta de conhecimento de causa, chega erroneamente a atribuir essas manobras fraudulentas aos médiuns. Daí, a descrença, prejudicial à propagação do

Espiritismo. Daí, igualmente, a necessidade da maior divulgação do esclarecimento.

Com o mesmo espírito crítico deve-se, muitas vezes, ler e interpretar a Bíblia, para distinguir, racionalmente, o que vem das instruções de Jesus e o que resultou do enxerto nas escrituras, através do vento e da poeira dos séculos. Os escribas buscavam regular as normas da liturgia e administração, no que interessava aos templos de então, segundo os hábitos, costumes e necessidades práticas da época, sempre com o baixo grau de instrução do povo. Muitas dessas normas foram incorporadas ao texto do Evangelho.

Exemplificando: está no "Livro Sagrado", que Jesus chicoteou, irado, os vendilhões do templo, pequeninos vendedores de bugigangas, colares, santinhos, velas, que eram oferecidas aos visitantes que desejassem guardar lembrança de sua passagem por ali. Eram humildes operários, alguns desempregados, ou portadores de defeitos físicos, não habilitados para ocupações mais vantajosas, como, ainda, hoje, acontece no pátio dos templos modernos.

Jesus pregava a compreensão, a paciência, a tolerância, o perdão e a caridade e demais formas de amor ao próximo. Não poderia, evidentemente, agir no sentido contrário à Sua lei; Ele, que representava a paz e tranquilidade, a ajuda e o amor, na sua mais pura expressão. Nem havia necessidade de utilizar-se de um chicote, pois um só dos poderes de sua mente poderia dispersar os comerciantes, se fosse o caso. Os sacerdotes usaram, indevidamente, do nome de Jesus, para solucionar os seus problemas pessoais, ou da Igreja. Embora se costume dar mais ênfase às cenas do julgamento e morte de Jesus, essa fase não é mais importante do que a vida do Redentor, toda ela plena de exemplos de conduta e ensinamentos. Não nasceu em uma estrebaria por acaso, mas, para darmos uma lição de humildade, podendo vir à luz no mais suntuoso dos palácios. Ele curou os enfermos. Fez caridade ao multiplicar os pães e encher as redes dos pescadores de peixe. Deu o exemplo para um bom julgamento de justiça, quando sugeriu ao populacho, que perseguia uma mulher adúltera, que atirasse a primeira pedra aquele que nunca houvesse cometido pecado. Uma grande lição de moral àqueles que devem julgar-se a si mesmo, antes de pretender julgar os outros, usurpando uma função que não é sua.

O menos instruído estranha que Jesus houvesse recomendado aos que desejassem segui-Lo "que dessem tudo", referindo-se aos bens da fortuna. É que o Divino Mestre falava, em sentido figurado, às vezes por parábolas e por força de expressão. Distribuir, inter- prete-se, o que resta do despendido com a própria manutenção da sua família, ou indústria, ao qual dá emprego a milhares de pessoas; vale dizer, não acumular o sobranete, não amontoar fortunas. Como depositário dos bens terrenos atende aos pequeninos, a começar pelos mais necessitados, na prática da caridade cristã. Dar de graça, não só o que de graça recebeu, como o restante dos seus rendimentos ou herança.

O Espiritismo nos ensina que nos foi deixado o livre arbítrio. Essa faculdade representa um precioso caminho, para o aperfeiçoamento do nosso Espírito) pela nossa vontade, sem o que não haveria mérito algum na opção de cada um, entre a luz e a sombra, entre o bem e o mal; segundo os nossos créditos, ou o resgate dos nossos débitos cármicos.

O QUE É O ESPIRITISMO

Será o Espiritismo religião, ciência ou arte?

Antes de esclarecer essa questão, é preciso deixar bem claro que o Espiritismo admite controvérsias e divergências sobre alguns pontos, embora as instruções dos Espíritos superiores estejam de acordo, acerca de seus princípios gerais. Aliás, como acontece em qualquer campo científico. (V. "Répertoire du Spiritisme", de J. P. L. Crouzet, 2.ª edição e 1.ª no Brasil, pg. 94; "O Livro dos Médiuns", Cap. II "O Maravilhoso e o Sobrenatural", n.º 13). Todos estão convictos, por exemplo, que o Espiritismo é antes de tudo e, principalmente, uma ciência.

O Espiritismo é observado entre os povos antigos e até nas primeiras tribos selvagens, segundo os traços que os escritores registram. A maior autoridade sobre a Doutrina é representada por Allan Kardec, que assim se manifesta acerca da verdadeira posição do Espiritismo: "Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião. A prova disso é que conta entre os seus adeptos homens de todas as crenças, e que não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de cumprir com os deveres de seu culto, quando não são expulsos pela Igreja; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até mesmo budistas e brâmanes. (...) Suas consequências morais estão implicitamente no Cristianismo, porque de todas as doutrinas o Cristianismo é a mais digna e pura. Por esta razão de todas as seitas universais são os cristãos os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência.

E por isso pode ser censurado?

Cada um pode fazer de suas opiniões uma religião e interpretar a seu gosto as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova Igreja, vai uma distância grande. ("O que é o Espiritismo", Capítulo Terceiro — Diálogo: O Sacerdote.)

Não colide com religião alguma, o que aumenta a sua capacidade de comunhão e propagação em maior número de pessoas.

Além disso, está ligado a todas as religiões cristãs, pois elas são necessárias e, quaisquer que sejam, resultam em bem para a humanidade.

Ernesto Bozzano lembra que foi um grande autor espírita Alexandre Aksakof, que há quarenta anos classificou os fenômenos em três categorias:

- a) fenômenos de "personalismo";®*
- b) de "animismo", e de

c) "espiritismo".

Demonstrando que as duas primeiras categorias provinham das faculdades supranormais, inerentes à subconsciência humana, sem qualquer intervenção de espíritos de mortos ("Metapsíquica Humana", Ernesto Bozzano, pg. 40). A diferença entre o Animismo e o Espiritismo está na circunstância do primeiro provir da alma (espírito encarnado) e o segundo, das entidades espirituais (desencarnados).

Ainda no palco das generalidades, para conhecer o Espiritismo é necessário ler bons livros. Todos possuímos, em menor ou maior dose, a mediunidade e a leitura espírita é, sem dúvida, uma apreciável forma de desenvolvimento espiritual. Não vale a desculpa de falta de tempo. Furtemos, utilmente, pelo menos, alguns minutos diários, para esse benefício, além de tudo, cultural, o que nos será meio de progresso em qualquer profissão.

Façamos da leitura, também, objeto de lazer. Mas, não vamos começar pelo fim. Em primeiro lugar iremos, 'assim, desperdiçar o nosso tempo, buscando entender matéria, ainda não ao alcance do principiante. Em segundo lugar, a energia mental, nisso desprendida, poderia prejudicar a nossa saúde, se não for boa, ou agravar a situação do psiquismo confuso de certas pessoas aflitas, que procuram encontrar nos livros espíritas solução ou explicações para a sua problemática vital. De sorte que se deve pedir a' indicação das pessoas ligadas ao Espiritismo, a fim de obter-se, desde logo, um melhor aproveitamento.

Exemplificando: para ler as obras de Ernesto Bozzano, devemos ler, antes, as dos escritores mais simples que nos esclarecem os estudos científicos de Bozzano. E que este último é muito profundo e técnico e nem ele percebe quando não está bem claro, para todos os leitores iniciantes. Começemos pela leitura, reiterada, dos Evangelhos. Possuímos dois livros preciosos, de cabeceira, vale dizer, "O Evangelho Segundo o Espiritismo" de Allan Kardec e o "O Evangelho dos Humildes", de Eliseu Rigonatti, ambos com muitas edições, sempre esgotadas e renovadas.

Dali, podemos partir para os romances, pelo bom livro da médium Ivonne A. Pereira, em "Nas voragens do pecado", de fundo histórico, ditado pelo Espírito Charles. Narra a história da perseguição religiosa contra os luteranos, "huguenotes", o massacre de São Bartolomeu, ao tempo de Catarina, da França.

Há os romances de Victor Hugo e as obras de Francisco Cândido Xavier. No enredo desses romances são disseminadas de instruções e descritos inúmeros fenômenos espíritas. É uma maneira agradável que os espíritos comunicantes, através da mediunidade dos médiuns escritores, encontraram de divulgar o Espiritismo. Embora grande parte das obras espíritas sejam de boa qualidade, geralmente sob a batuta de renomados autores, nem todos são de confiança. Elas são provenientes das entidades espirituais mas, acautelemo-nos sempre, com a atividade dos pseudos-cientistas dos mortos, que enganam e até se denominam,

sem o ser, personalidades ilustres de encarnações anteriores.

Oportuno se torna aqui, tomar de empréstimo a lição de nosso médium Eliseu Rigonatti, em uma das suas mais apreciadas obras, que dispensa recomendação, por haver nesta altura atingido o invejável índice de nove edições, — "A mediunidade sem lágrimas". De sorte que, vejamos o que escreveu o diretor espiritual do Centro, que temos a honra de frequentar. No capítulo "Os habitantes do Mundo Espiritual, ele diz:

"É um erro supor-se que a morte concede ao espírito a sabedoria plena ou a inteira posse do sentimento; não lhe dá nem uma, nem outra coisa; o espírito desencarnado continuará a ser o mesmo que era quando encarnado. Era o encarnado uma pessoa bondosa? A morte a fará um espírito bom. Era uma pessoa de mau coração? A morte a fará um espírito malévolo. E continuam a viver: o bom, espalhando o bem, engrandecendo-se e tornando-se um espírito superior; o mau, a pensar no mal, até que o sofrimento e as decepções o obriguem a procurar na prática do bem um alívio para a sua consciência perturbada."

Outra norma do Espiritismo é da lei de causa e efeito. Inexiste efeito sem causa. De sorte que, em todos os eventos, ou mesmo em todas manifestações de caráter espírita, devem ser excluídas, liminarmente, as hipóteses de causalidade.

Nada acontece por acaso, mas, tudo tem a sua razão de ser, a sua explicação natural. Os fatos, assim, se encadeiam em sequência lógica, contínua. Como o exemplo é a maneira didática mais clara, de esclarecer os leitores, na transmissão da imagem falada ou escrita, pedimos perdão por termos, como espírita, o dever não só de ser como humildes, para usar de uma experiência nossa, *a qual demonstra o processo da teoria acima, tal como funciona na prática. É referente à elaboração do presente livro.

Fomos criados no catolicismo e até participamos de órgão de sua liturgia; porém, casado com uma espírita, fomos levados a acompanhá-la às sessões de um Centro. E, aí, sem o perceber, começamos a sentir os fenômenos do desenvolvimento de mediunidade latente. Chegamos a afastarmos do templo, porque não possuímos interesse na matéria. Como sempre acontece com os médiuns, sentíamos perturbações, as quais só desapareceram quando voltamos a frequentar o Centro, informados de que essa era uma das consequências da interrupção de um desenvolvimento mediúnico.

Como já éramos idoso e cardíaco consultamos um médium e ele aos espíritos. Nos deu a resposta: "nunca é tarde para trabalhar". Estávamos no Centro Espírita "Ubiratã", no bairro do Brás, em São Paulo. Passando a frequentar outro Centro, mais próximo de casa, que se denomina Sociedade Paulista de Estudos Espíritas, fomos informados que nossas condições não eram boas para os trabalhos de incorporação dos espíritos, porque os médiuns dispendem uma soma muito grande de energia nervosa, o que poderia prejudicar a nossa saúde.

Mas, perguntaram-nos se desejávamos uma consulta a respeito aos espíritos.

Resposta: preferimos esperar por uma convocação espontânea das entidades espirituais, porque, se fosse o caso, elas mesmas nos resguardariam suprindo as nossas deficiências, cobrindo os riscos.

Agora, o maravilhoso. É claro que não haverá quem não queira dar alguma coisa de si em benefício do próximo, por amor a Deus.

Foi quando fomos intuídos por um pensamento interior, de modo coercitivo, que nos dizia: "vai escrever livros espíritas". Fazendo a ligação entre a mensagem "nunca é tarde para trabalhar", e a última, "vai escrever...", compreendemos, por dedução da lei de causa e efeito, que, se não tínhamos condições para "trabalhar", de um modo nos era facultado trabalhar de outra maneira. E, foi assim que nos lançamos na seara da literatura espírita, porque, nesse campo, possuímos habilitações, uma vez que já escrevemos uma dúzia de obras, de natureza jurídica.

O nosso modesto instrumento carnal foi escolhido mais uma vez, porque, antes de lançar os livros jurídicos, um médium, sr. Romualdo, que nos dava passe, informou-nos do que iria acontecer, como de fato aconteceu. Quando os espíritos disseram "nunca é tarde para trabalhar", já haviam previsto todas as hipóteses futuras e a causa (más condições de saúde do médium), como o efeito (escrever livros espíritas), única forma pela qual poderíamos servir, segundo a vontade do Alto. O acaso não existe no Espiritismo.

A REENCARNAÇÃO E OS SEUS DIFERENTES ASPECTOS

O Evangelho, em sua adaptação ao Espiritismo, substituiu a palavra ressurreição pela "reencarnação", em muitas passagens da Bíblia. Jesus colocou-a como matéria necessária, como se vê nas expressões dirigidas à Nicodemus: "Ninguém pode ver o reino do céu se não nascer de novo" (São João, v. III. **1/12, 5 a 9** — citação extraída da obra francesa, de J. P. L. Crouzet, pg. **273**, "Répertoire du Spiritisme").

Acrescenta-se que se torna impossível compreender a maior parte das máximas do Livro Santo sem o pressuposto do conhecimento da pluralidade de existências. Do assunto trata "O Livro dos Espíritos", no n.º **166** e seguintes. Ali está explicado que a finalidade da reencarnação reside na depuração e conseqüente aperfeiçoamento do espírito, na senda do progresso espiritual, que se faz de maneira progressiva. Às vezes, a marcha é lenta e retardada, por nossas novas quedas, na nova experiência de retomo ao meio carnal, o que obriga

o espírito a sofrer sucessivas reencarnações, até saldar seu débito cármico acrescido, mediante provas e expiações renovadas. Pode o espírito, pelo trabalho benemérito, em prol de seus irmãos mais carentes, apressar o seu resgate. Já dissemos que o pagamento pode ser feito pela expiação das faltas, antes, cometidas, ou pelo trabalho dignificante e diuturno, em prol dos pobres, doentes ou órfãos, etc. A reencarnação pode dar-se em mundos inferiores à Terra. Ver no "Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo III — "Há muitas moradas na casa de meu Pai", n.º 5.

O espírito pode estacionar, para sofrer a punição ou retornar reencarnado mais miserável e enfermo, até que reúna as condições de ascensão. Que justiça divina explicaria o fato de uma alma boa levar uma vida de sofrimentos e deformações, sem ter feito mal à ninguém nesta Terra, face à condição de vida rica de bens e saúde, de um outro ser, que só semeia malefício ao próximo e a si mesmo? O Espiritismo esclarece esse ponto. Não podemos partir da falsa premissa de que o Criador fosse injusto. Um está saldando o seu débito de outras encarnações, nas quais foi maldoso, perverso, egoísta e perseguidor, menos que o outro, para o qual se exige um fardo da matéria mais leve...

Há, além do que foi dito, a consideração de que aceitamos pela evidência diuturna a morte do corpo em um período muito curto, de uns sessenta e poucos anos, em média. Quanto ao nosso espírito, possuímos a intuição de sobrevivência. Um pequeno espaço de tempo, de vida estaria contra a lógica, em relação à obra criada por Deus — o maravilhoso ser humano.

Os espíritos foram criados iguais, simples e ignorantes e vão progredindo moral e intelectualmente, segundo as suas condições individuais, uns mais que os outros. Os infratores ou maldosos não retrogradam em seus espíritos, mas ficam estacionários. ("O Livro dos Espíritos", n.º 118, Allan Kardec). Até que expiem as suas faltas. Kardec esclarece que pode um homem descer a uma posição mais baixa, do que a atual, em suas novas existências em relação à sua condição social. Contudo, o seu espírito não piora, continua em ascensão ou estaciona, temporariamente, até que readquira nova condição para isso.

As provas desta vida decorrem de encarnações anteriores ("À Margem do Espiritismo", Carlos Imbassahy, pg. 45, 3.ª edição). A ideia do progresso moral, ao lado do intelectual, é explicada por Allan Kardec com as seguintes palavras: "O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência, eles (espíritos) podem fazer o mal". (A "Gênese", Cap. XI "Gênese Espiritual", n.º 43.)

As expressões provas e expiações diferem no seguinte: as primeiras foram escolhidas de acordo com os nossos espíritos, antes da nova encarnação. Delas temos conhecimento anterior, do qual não possuímos lembrança presente. Já as expiações ficam para o período da nossa erraticidade no espaço, entre uma e outra reencarnação, é o que esclarecem os ensinamentos de nossos instrutores mencionados nos livros.

Para aonde iriam os espíritos que se desprenderam dos cadáveres? Para o céu, o inferno e o purgatório ou para as instituições ou estabelecimentos do Além, chamadas colônias, onde os espíritos dos mortos passam a receber toda a assistência espiritual de que carecem?

Certos espíritos muito maus e inferiores, antes daquele estágio, possuem um período, mais ou menos longo, de erraticidade. Não são considerados em condição de absorverem as lições e o tratamento daqueles estabelecimentos. São espíritos muito impuros, viciados e de criminosos bárbaros, suicidas, etc., que, às vezes, nem sabem de sua transição para o outro plano. Ficam vagando pelos lugares que frequentavam, quando encarnados, e acompanhando à sombra dos seus ex-parentes e amigos. Vêm, também, perturbar o sossego de seus antigos desafetos, ainda possuídos do espírito de vingança contra os mesmos ou, simplesmente, se divertirem à custa alheia. *São socorridos pelos médiuns dos nossos Centros espíritas, doutrinados e esclarecidos, para a sua preparação de encaminhamento às colônias, assim chamados os lugares onde irão ser melhor instruídos, orar, estudar e aprender, para uma necessária destinação. E o novo ciclo recomeça: progresso — reencarnação — progresso ou nova queda (segundo a sua conduta) exigindo renovações sucessivas. É a lei.

O melhor antídoto contra a má influência dos maus espíritos é a oração, com a evocação de Deus, nosso Médico e Mestre. Oração fervorosa e confiante, não só por nós, porém, por esses infelizes espíritos, que ficam gratificados pelo presente da prece. Outra Coisa, quanto mais bons formos, mais dignos nos tornamos de proteção dos bons espíritos que nos assistem e protegem.

Allan Kardec divulgou um livro, sob o título "O Céu e o Inferno", o qual dispensa a nossa mais longa excursão sobre a matéria. O Espiritismo é a filosofia, baseada na lógica, que melhor nos explica o porquê das coisas que nos envolvem» Toma-se consolador saber que não morremos, que apenas evoluímos em espírito; bem assim, os nossos entes queridos que foram na frente ou ficam para trás, por algum tempo, visando a uma nova reunião, acolá. A vida terrestre é tão curta e como passa depressa! Tudo muda. Vamos enfrentar todos os obstáculos com paciência e tolerância, sem deixar de aproveitar o pouco tempo que nos resta, para uma eternidade melhor, passo a passo, em cada existência

Comunicação do Espírito W. A., do livro "Rumo às Estrelas", H. D. Bradley (pg.

81):

.. para mim, talvez fosse melhor e mais normal que eu voltasse à vida e continuasse a auxiliar as criaturas. Não estou mais na mesma posição de ao deixar a Terra, mas é mais fácil ajudar quando nos apresentamos na forma normal, comum: há mais felicidade aqui do que na Terra.

"Eu não gostaria de voltar. Há a segurança de que tudo vai muito bem. Até você tem tido seus tempos de pânico — todos os têm na Terra, todos os que usam do cérebro. Momentos há que duvidamos de tudo. Eu também passei por isso, embora não fosse dos que pensam muito. Você sempre pensou e analisou

mais do que eu.fl||Lí'

Dessa lição, apreendemos que a vida do Além pode ser melhor do que a do nosso planeta; que é conveniente raciocinar e analisar tudo e que aquele espírito não deseja voltar para o nosso vale de lágrimas, embora assegure que se tivesse que fazê-lo seria para aproveitar melhor o seu tempo, para ajudar nas obras do amor ao próximo.

VISTA PANORÂMICA DOS FENÔMENOS DE REENCARNAÇÃO, NA CROSTA TERRESTRE

As tradições históricas da fenomenologia reencarnatória perdem-se na poira dos tempos. Quanto à sua posição geográfica humana ganha maior relevo as regiões do Oriente, em relação ao Ocidente. Há referência a vários milênios, antes de Cristo, à inscrições egípcias a respeito dessa matéria no livro de Fontaine, citado por Picone Chiodo, que Karl E. Muller também se refere, em sua obra especializada: "Reencarnação Baseada em Fatos". Este último, nessa boa literatura sobre o assunto, fez uma pesquisa instrutiva, da qual citamos um pequeno trecho para valorizar o presente capítulo (pg. 23):

"Um correspondente informou-me que o "Papyrus Anana", datado de 1.320 a.C., contém a seguinte mensagem: "O homem volta à vida várias vezes, mas não consegue recordar-se das existências prévias, exceto, de vez em quando, num sonho ou pensamento relacionado a algum acontecimento duma vida anterior. Não pode estabelecer a data ou o lugar desse incidente, mas apenas que lhe é familiar. No fim, todas as suas vidas ser-lhe-ão reveladas". (...)

Nas diversas existências corporais, algumas se fazem sobre a Terra e outras nos vários mundos do sistema universal. Dizem Crouzet, ("Répertoire du Spiritisme", pg. 274) e Allan Kardec, ("O Livro dos Espíritos", n.º 172 e "Revista Espírita", ano 1865, pg. 69), que a crosta terrestre se constitui em um dos estágios mais afastados da perfeição. O espírito pode, afirmam, reviver muitas vezes sobre o mesmo globo, quando ele não é suficientemente adiantado, para ascender a um mundo superior.

Menciona-se a possibilidade do espírito descer a um globo inferior. Para alcançar a perfeição e não ser preciso retomar, (a não ser em tarefa beneficente), pode-se prescindir de passagem pela fileira de todos os mundos ("O Livro dos Espíritos", n.ºs 176/177). Em todos os mundos há seres mais

adiantados que outros e os graus de intelectualidade e inteligência conquistados por cada um jamais se perde nas transmigrações. Os espíritos, feitos à semelhança de Deus, não mantêm a mesma aparência em suas novas moradas. Mas, os seus envoltórios, conforme o grau de sua pureza espiritual, nas esferas superiores tomam-se menos grosseiros.

Vamos exemplificar.

A vida no planeta Vénus é mais animal, atrasada do que na Terra. Nesta, ainda, sentimos miasmas e odores corporais (mau hálito, gases, maus cheiros da transpiração, da putrefação, etc.), que na nossa ascensão à morada mais avançada deixamos de perceber e assim por diante, quanto mais nos espiritualizemos.

Em Júpiter, o mais adiantado, o grau de pureza será absoluto, pela proximidade maior do Criador. O espírito pode, dentro do livre arbítrio que lhe é dado, na maioria dos casos, quando preparado, participar da escolha do lugar e das condições de reencarnação, em seu benefício espiritual. Existe mundos onde os espíritos "cessam de habitar os corpos, não possuindo por envólucro senão a parte perispiritual" ("O Livro dos Espíritos", n.ºs **186** e **188**; "Répertoire du Spiritisme", pg. **274**).

A curta duração da vida da criança pode representar, para o espírito que a anima, diz Allan Kardec, o complemento de existência precedentemente interrompida e a sua morte, também, não raro, constitui provação para os pais ("O Livro dos Espíritos", n.º **199**). Geralmente, embora não possuem sexo, os espíritos reencarnam-se várias vezes, de preferência no mesmo sexo, quando isso representa um melhor aproveitamento das experiências anteriores. Mas, é certo que precisam conhecer as experiências próprias do outro sexo e, por isso, os espíritos tornam-se suscetíveis da troca de sexo, em determinadas encarnações. Aos espíritos não importa essa mutação.

A vida em Vénus (além da enorme distância entre esse planeta e a Terra) é muito difícil, e improvável a visita de seres viventes de outros planetas. Considere-se que os cientistas já calcularam que a temperatura média da crosta do planeta Vênus é de **460** graus centígrados; que a atmosfera predominantemente de gás carbônico possui uma pressão noventa vezes superior a do nosso planeta. Essa dificuldade teria que ser vencida pelos visitantes, caso se deseje acreditar nos chamados "discos voadores". Duas condições precisariam concorrer. A primeira é a permissão de Deus e a segunda uma tecnologia fenomenal, atribuída a seres muito mais evoluídos do que nós. As informações sobre a existência de vida em outros planetas foram transmitidas pelos espíritos à Allan Kardec ("A Gênese", "O Livro dos Espíritos", etc.)

A astrologia, antigamente muito difundida pelos povos, foi abandonada pelo Espiritismo sério, o qual preferiu apoiar-se nas comunicações dos espíritos.

Essas informações, porém, são limitadas às esferas de atuação e ao grau de adiantamento dos espíritos e mais ainda, ao permissivo do Alto; porque, nem tudo pode o homem conhecer no seu estágio atual. (Ver em "O Livro dos Espíritos", no capítulo IV, intitulado "Transmigração Progressiva", nota (1)).

Pode haver herança de traços físicos entre pais e filhos, mas os espíritos são independentes. De sorte, a semelhança espiritual, nesses casos, significa mera coincidência. As virtudes podem se aprimorar pela educação e o bom exemplo dos pais. Alguns maus espíritos, por ocasião dos preparativos da reencarnação, podem obter de Deus a concessão de bons pais, objetivando uma facilidade a mais para a sua regeneração. Pode, também, ocorrer que o mau filho venha como uma provação para certos pais. Na escolha das provas, um príncipe pode animar o corpo de um mendigo e o espírito deste o de um príncipe, segundo o débito ou o mérito provindo da antecedente encarnação. Por isso, é que se proclama: colhe-se o que se semeia. ("Répertoire du Spiritisme", Crouzet, pg. 39; "Revista Espírita", ano 1867, pg. 295/299).

No "O Livro dos Espíritos, n.ºs 77 e 83, esclarece que os espíritos foram criados por Deus, de sorte que tiveram um começo. Representam a individuação de um princípio inteligente; sua criação ' é permanente e não tem fim. Estão em todas as partes, agem sobre os viventes.

Contudo, há regiões proibidas aos menos adiantados (id. 87; "Revista Espírita", 1.858, pgs. 191, 426; ano 1864, pgs. 107 e 108). Perguntaram a Allan Kardec: Adão foi o primeiro homem sobre a Terra? A resposta foi "não... e nem o único".

A citação da Bíblia representa uma alegoria. Os seres humanos, como os animais, foram criados aos pares. Foram disseminados em lugares diferentes, em clima, educação e costumes distintos, em épocas diversas. Há vidas em outros planetas. As distâncias são enormes. O homem só poderá alcançá-los em espírito. A constituição física dos outros mundos é diferente do planeta Terra, do mesmo modo que a constituição física de seus habitantes são adaptáveis às mesmas condições dissemelhantes, como os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar. ("O Livro dos Espíritos", n.º* 55/ 57). Outra pergunta: Se morrem, neste mundo, muito mais pessoas do que nascem, onde encontrar espíritos para suprir a necessidade de reencarnação? É que podem vir de outros mundos, não só da Terra. Há globos em que o período de vida é bem menor e a mortandade muito maior. Por outro lado, nascem mais mulheres do que homens. Porque seria, senão, pelo mandamento do Senhor: "crescei e multiplicai-vos". Assim, há necessidade crescente de matrizes, para a proliferação da espécie.

Milhões de espíritos esperam, no espaço, a sua oportunidade de reencarnação. E, os receptáculos são oferecidos pelas mulheres, em colaboração com os homens. Deus criou os espíritos e, obviamente, pode multiplicá-los à vontade. Deixou, porém, aos seres humanos a sua reprodução animal, organizando a parte

espiritual, consoante os ensinamentos da doutrina sagrada.

Segundo Allan Kardec, a mulher formada de uma costela de Adão "é uma alegoria pueril na aparência". Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza do homem, sua igual, diante de Deus e não uma criatura à parte... Saída de sua própria carne (omissis) "o sentido é dizer ao homem que ela é sua igual" e não escrava; que ele deve amá-la como parte de si mesmo" ("A Gênese" Capítulo XII, "Gênese Mosaica", n.º **11**.)

A MEDIUNIDADE

A mediunidade é uma faculdade do médium ("Revista Espírita", **1.859**, pg. **265**). Esse elemento e a oração constituem um meio usado, para desalojar os maus espíritos ("Revista Espírita", **1860**, pg. **304**). Nas instruções de Allan Kardec os espíritos, que o assistiram, alertaram para o fato de que a mediunidade "não constitui um meio de adivinhação" ("Revista Espírita", **1865**, pg. **203/204**) ou de satisfação da curiosidade pública ou particular. Embora, haja casos de previsão de fatos futuros e, também, são inúmeras as hipóteses de lembranças de encarnações 'anteriores' ("O Livro dos Espíritos", n.º **395**). No "O Livro dos Médiuns", (n.ºs **118, 124, 231**), Kardec adverte contra os efeitos da fadiga causada pelo exercício da mediunidade, a qual deve ser reparada pelo repouso do médium ou mesmo abstenção do trabalho, temporariamente, a fim de não afetar a sua saúde. Perguntaram a Allan Kardec ("O Livro dos Espíritos" n.º **412**): "Pode a atividade do Espírito, durante o sono corporal, fadigar o corpo?". A resposta foi afirmativa, pois, diz ele, o espírito, ao mesmo tempo, se acha atado. Mas, cansaria na mesma proporção da fadiga física? Notamos que o cérebro acusa-a em maior escala, quando acordado. Sobre esse ponto queremos introduzir as considerações de interessante observação pessoal nossa. Notamos que a mesma fadiga devia ocorrer enquanto dormimos, sabido que o nosso espírito não repousa de forma alguma. A sua atividade é contínua, enquanto toda a atividade corporal cessa de existir, para a nossa recuperação física.

Quando acordados notamos que a nossa atividade mental é mais cansativa, do que o exercício físico. Como, durante a noite, com toda a atividade espiritual, a nossa mente desperta mais descansada? Se continuou trabalhando? Não estaria aí a demonstração de um certo grau de independência? Expliquemos. No "O Livro dos Espíritos", «n.º **400** em diante, está escrito que a alma não repousa. "... os liames que unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos" (n.º **401**). Nesse estado, recorda-se do passado e pode prever o futuro. Entra, além disso, em comunicação com os demais espíritos, quer dos vivos, quer dos desencarnados; por isso, enquanto dormimos é como se "morrêssemos" todas as noites. Essa é a sensação. De sorte que, não devemos temer a morte, que nada

mais é do que o "sono" em relação à presente existência. Despertamos, é verdade, no Além; "Isto, para os Espíritos elevados; pois a massa dos homens que, com a morte, devem permanecer longas horas nessa perturbação... vão seja a mundos inferiores à Terra, onde os chamam antigas afeições.** Tudo isso se passa enquanto dormimos ou "morremos. Numa palavra, remata que o sono influi mais do que pensais sobre a vossa vida** ("O Livro dos Espíritos", Capítulo VIII, "Emancipação da Alma", n.º 402). Kardec, ainda, ressalta que o sonho é a lembrança do que o Espírito viu no sono.

Por que a mente ou o espírito só parece cansar-se bastante e rapidamente, nas tarefas diárias? O cérebro é uma massa de substância nervosa, carregada de eletro-magnetismo. É o mesmo na vigília e no sono. Funciona esse órgão, quando dormimos desembaraçado da influência do pesado fardo da matéria do corpo, estando o espírito apenas ligado por um tênue fio etéreo, sem peso, ao mesmo tempo, através do perispírito (envoltório). De sorte que, podemos atribuir a isso o cansaço do corpo e à nenhuma fadiga da mente, ou do espírito durante o sono.

Diz Carlos Imbassahy ("À Margem do Espiritismo"): "o cansaço é da matéria e não do Espírito, que não cansa. Vemos o indivíduo sonhar a noite inteira... e acordar sem nenhuma fadiga, antes refeito dos trabalhos corporais**.

As visitas entre pessoas vivas, durante o sono, é fato comum, principalmente em se tratando de amigos e parentes que podem se comunicar pelo pensamento. Dessas confabulações se originam ideias que nos vêm espontaneamente, sem que possamos explicar (por falta de lembrança), como nos acudiram. ("O Livro dos Espíritos**", n.º 415). "Já dissemos que, durante o sono, os Espíritos se comunicam entre si. Pois bem, quando o corpo desperta, o Espírito se recorda do que aprendeu e o homem julga ter inventado. Assim muitos podem encontrar a mesma coisa ao mesmo tempo (ou ideia, sem plágio) ... Nosso Espírito revela assim, muitas vezes, a outros Espíritos, e à nossa revelia, aquilo que constitui o objeto das nossas preocupações de vigília.** (id. n.º 419.) As comunicações entre vivos podem, ainda, dar-se quando despertados, ou entre uma pessoa no estado de vigília e outra adormecida. A ocorrência de uma mesma ideia, ao mesmo tempo, em duas pessoas, significa a existência de afinidade ou ligação por simpatia.

JESUS E OS MILAGRES DO EVANGELHO

Ao aludir à superioridade da natureza espiritual de Jesus, o escritor francês Cróuzet, em "Vocabulaire du Spiritisme", (2ª ed. — 1.ª no Brasil, pg. 204), sustenta que Ele não agia como médium, mas, em virtude de seu poder ou força própria. É natural que assim fosse; pois, o Espírito que o assistia era o do Pai — Deus —, o qual lhe atribuiu poderes maiores, do que o dispensado às criaturas

comuns.

Quanto aos chamados "milagres", certos fatos naturais podem passar por miraculosos aos olhos do povo. O Espiritismo, proporcionando-nos conhecimento da ação das inteligências ocultas, nos esclarece sobre o caráter dos fenômenos tidos como miraculosos ("Revista Espírita", ano 1959, pgs. 253 e 308; ano 1865, pgs. 102/103). Jesus atuava como curador ou multiplicador dos pães e igualmente, no fenômeno da pesca misericordiosa, por força de seu próprio espírito.

Há entre escritores espíritas alguma controvérsia sobre a matéria da mediunidade de Jesus. Encontramos até o seu qualificativo como médium de Deus; erroneamente, uma vez que só em sentido figurado (como disse um espírito) poderia sê-lo; mas, na verdade não o é. Quem sustenta isso é Allan Kardec, ao responder a uma pergunta: — "Nas curas que operava, agia como MÉDIUM?" Resposta: — "Não; pois o médium é um intermediário, um instrumento do qual se serve os espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência, ele que assistia e auxiliava aos demais; agia, pois, por si mesmo, em vista de seu poder pessoal, tal como o podem fazer os encarnados, em certos casos e na medida de suas forças" ("A Gênese, Capítulo XV "Os Milagres do Evangelho").

De acordo com "A Mediunidade Sem Lágrimas", de Eliseu Rignonatti, a mediunidade reside em nós e em três elementos: espírito, perispírito e o corpo. O Espírito é o nosso "eu" com a mente e sensibilidade, em contato com o sistema nervoso. E, o perispírito, também denominado corpo fluídico, corpo etéreo, fantasma elétrico, duplo etérico, é "um véu fluídico que envolve o espírito e o liga ao corpo durante o tempo da encarnação. É inseparável do espírito e é tanto mais luminoso quanto maior o adiantamento moral do espírito, a que reveste. É invisível para nós no estado normal; porém, pode tornar-se visível, como no caso de materialização e de aparições. O corpo é o instrumento pelo qual o espírito atua no mundo terreno" (Eliseu Rignonatti, obra citada).

O espírito dos desencarnados só não possui corpo, uma vez que é formado do mesmo espírito, quando encarnado, e de perispírito, instrumento de ligação com o mesmo duplo etéreo da entidade terrena.

Nas sessões espíritas o clarividente vê o duplo etéreo, que se expande, em geral, do lado esquerdo do médium; às vezes, da superfície toda do corpo é que constitui o "espírito materializado", modelado facilmente e de várias maneiras, aumentando a sua força e vitalidade quando o médium está mergulhado em transe profundo. Habitualmente, não intervem nenhum esforço consciente por parte dos assistentes, não obstante o resultado pode ser sistematicamente obtido. Assim, H. P. Blavastsky relata que, durante os notáveis fenômenos obtidos na granja dos Eddy, ela modelou a forma do "espírito", . que foi visto pelos assistentes sob diversas aparências.

"A matéria etérica, modelada em formas deste gênero, embora invisível à vista ordinária, pode, entretanto, impressionar uma chapa fotográfica, porquanto esta é sensível a certos comprimentos de ondas luminosas, não perceptíveis à vista humana. É esta a explicação de todos os casos verificados, em que "formas de espíritos" apareceram em negativos de retratos fotográficos comuns.

Acontece, frequentemente, durante as sessões, que não só é utilizada matéria do duplo etérico do médium, mas também dos assistentes; daí a fadiga muitas vezes sentida pelos frequentadores dessas sessões."

"A mediunidade", diz E. Rignonatti, "é o sentido pelo qual entramos em relação com os espíritos e todos nós, homens e mulheres, a possuímos, embora em diferentes graus". Mas, seguindo ainda o trabalho de Rignonatti, que conhece muito bem a Doutrina:

"O perispírito é o receptor das sensações e o transmissor delas ao espírito. As sensações físicas são recebidas pelo perispírito, através do sistema nervoso de que é dotado nosso corpo. As sensações espirituais recebem-se diretamente pelo perispírito, que se irradia através de nosso corpo e o contorna como uma névoa.

"Há dois gêneros de mediunidade: a mediunidade de efeitos físicos e a mediunidade de efeitos intelectuais/* (Ver no "A Mediunidade Sem Lágrimas", no Capítulo "A Mediunidade**").

Um dos elementos da mediunidade é constituído por uma substância chamada ectoplasma. A origem da palavra, segundo Arthur E. Powell, no livro "O duplo etéreo", é formada do grego *ektos*, exterior, e *plasma*, molde; isto é, "modelado fora do corpo". Diz que a "matéria, quase toda etérica, senão inteiramente, se desprende ou segrega do médium e se emprega na manifestação de fenômenos espíritas." Em outros autores encontramos informações, suplementares, de que ela sai dos orifícios dos ouvidos, do nariz e, principalmente, pela boca, o que já tomou-se objeto de fotografias. Foram obtidas provas nas pesquisas científicas que essa substância existe nos processos de materialização e é empregada nos fenômenos de mediunidade de efeitos físicos.

Em nossa residência assistimos, por várias vezes, com a presença de empregadas e parentes, a movimentação de xícaras de café até a beira da mesa. Os fenômenos se passaram espontaneamente e foram vistos, com espanto, por terceiros.

São provas que os espíritos buscam nos dar de sua presença. Objetivam testemunhar a verdade do Espiritismo e cessam quando a sua finalidade é alcançada. Contudo, há pouco tempo, estando em Veneza, considerada viveiro dos espíritos, também assistimos a deslocação (não provocada), de um copo na superfície do vidro de uma mesinha. Desta feita, brotou-nos a ideia de tentar comandar o fenômeno e o copo nos obedeceu, andando mais uma vez. Quisemos repetir a ordem, mas, nada mais aconteceu.

O médium Eliseu Rigonatti esclareceu que faltou, na reiteração de nosso comando ulterior, a concentração mental na primeira vez. É que, pelo interesse despertado pelo fenômeno espontâneo, estávamos altamente concentrados, mentalizando todo o quadro; ao passo que, na tentativa de repetição, "falávamos só com a boca". Perdemos a força ectoplástica bastante, para a manipulação do objeto à distância, sem nosso toque algum.

Já abordamos o problema da coloração do perispírito, no intróito deste capítulo. Outro aspecto importante é a possibilidade de desprendimento de odor pelas entidades espirituais, que podem variar segundo o grau de adiantamento e os hábitos dos espíritos, em suas encarnações anteriores. Já sentimos forte cheiro do perfume de rosas, ao sair de uma sessão do centro, já na calçada da rua, sem nada por perto que explicasse a agradável emanção.

OS PRIMEIROS SINAIS DA MEDIUNIDADE

Para os que acreditam em quiromancia, arte de vislumbrar o caráter, ou o futuro de uma pessoa, pelo exame das linhas da sua mão, dizem os quiromantes que os sinais de mediunidade estão estampadas nela, em forma de cruces, mais ou menos profundas, entre as principais linhas da palma de ambas as mãos. Tanto mais nítidas e profundas, quanto ao grau da mediunidade do agente. Sem entrarmos no mérito dessa ideia, encontramos, com frequência, esses sinais entre os médiuns. Fazemos esse registro considerando que há mais mistérios na natureza, do que pode alcançar a nossa vã filosofia...

Na parte da "Biografia de Allan Kardec", do seu livro "O Que É Espiritismo", edição da FEB, há uma interessante observação a respeito da quiromancia ligada à uma previsão do futuro do Codificador, relativa à missão que lhe estava predestinada:

"Foi a **30** de abril de **1856**, em casa do Sr. Roustan, pela médium Mlle. Japhet, que Allan Kardec recebeu a primeira revelação da missão que tinha a desempenhar. Esse aviso, a princípio muito vago, foi precisado no dia **12** de junho de **1856**, por intermédio de Mlle. Aline C., médium. A **6** de maio de **1857**, a Sra. Cardone, pela inspeção das linhas da mão de Allan Kardec, confirmou as duas comunicações precedentes, que ela ignorava. Finalmente, a **12** de abril de **1860**, em casa do Sr. Dehan, sendo intermediário o Sr. Croset, médium, essa missão foi novamente confirmada em uma comunicação espontânea, obtida na ausência de Allan Kardec."

A explicação que encontramos é que a "cigana" era, "sem o saber", dotada de mediunidade. E, foi como tal e não como quiromante que recebeu e transmitiu a mensagem. A nossa incipiente mediunidade surgiu na infância, através do

sonambulismo, desenvolvimento de aptidões superiores à nossa capacidade normal e pelo fato de nos sentirmos mal, nervosos, tensos, com tonturas, etc., até que voltamos a frequentar sessões espíritas e a ler, assiduamente, os livros espíritas. Antes, as coisas não davam certo; quer no lar, no trabalho e em outros setores da atividade humana. Depois, que procuramos ajuda espiritual, em Centro Espírita, tudo começou a dar certo. Encontramos no livro de Eliseu Rigonatti, "A Mediunidade Sem Lágrimas", capítulo "O aparecimento da mediunidade" uma valiosa e segura orientação.

OS GRANDES PERIGOS DO HIPNOTISMO

Embora angustiados com o problema da falta de espaço no dimensionamento desta obra (visando ao seu não encarecimento), não podemos sonegar informações sobre a enorme importância do benefício da prevenção ou da má aplicação da hipnose.

Os médicos, os dentistas, os artistas teatrais, os curiosos, etc., precisam saber e se prepararem convenientemente, para prevenirem os acidentes que possam ocorrer na prática. Ninguém nega que o hipnotismo, corretamente aplicado, está bastante difundido e é de grande utilidade na medicina, principalmente, no ramo da Psiquiatria, onde as doenças nervosas, como a neurose, encontram precioso processo de pesquisa das raízes da doença, fazendo vir à tona do consciente as causas da perturbação do seu psiquismo, por exemplo. Mas, os livros, cujos textos trazemos abaixo, em resumo, nos esclarece que médicos psicanalistas têm tido a surpresa em determinados casos, de ultrapassar os limites do subconsciente do indivíduo, carreando informações do seu perispírito, acerca de fatos ocorridos em outras encarnações, em prolongada regressão da memória do agente passivo. Para não falar dos males maiores, como a dificuldade de despertar o paciente, a sua morte aparente (estados de catalepsia ou letargia) e mesmo, a morte definitiva. Nesta altura, precisamos nos escudar, sugerimos ao leitor consultar a autoridade do cientista português, médico de especialidade e escritor Martins Oliveira, que editou, pela Editora Progredior, da cidade do Porto, dois livros notáveis: "A Magia do Hipnotismo" e "Psicoses da Morte e da Vida".

Em nossa literatura médica, a pesquisa só conseguiu encontrar a seguinte advertência do Prof. A. da Silva Mello sobre os riscos do Hipnotismo. São suas expressões: "Ficou demonstrado que elas podem acarretar perigos e inconvenientes à saúde de muitas pessoas, não raro sob a forma de dores de cabeça, ataques histéricos, dores pelo corpo, convulsões, etc., e até a morte, minutos depois/* A hipnose tem larga aplicação na Medicina e na Odontologia. Os

especialistas é que devem possuir as habilidades necessárias'.

O ANJO DA GUARDA DE CADA UM

Desde o nosso nascimento Deus nos concedeu um anjo da guarda, que nos acompanha em todos passos da vida e mesmo depois da nossa transição, para o Além, nos segue e encaminha orientando, através de ideias e intuições. É um espírito mais evoluído do que nós e se constituí, também, em protetor contra os erros de nossa própria conduta e as investidas dos espíritos inferiores.

Se formos médium será ele o nosso auxiliar e protetor nas tarefas da mediunidade. Parente ou amigo, de outras encarnações, a ele estamos entrelaçados pela mais profunda e sincera amizade. O nosso anjo da guarda pode ser, por exemplo, um irmão gêmeo, de encarnações mais ou menos remotas, que nos aparece em sonho como um sócia, ou duplo. Recordamos que, ainda dormindo, tivemos a ideia de tocá-lo com o dedo indicador da mão, para verificar a sua consistência e o dedo encontrou resistência sólida, física. Pedimos a um nosso bom vizinho, que ia a uma sessão espírita, que nos solicitasse algum esclarecimento acerca desse sonho estranho. O solicitado R. N. C. trouxe-nos os informes: tratava-se de um irmão gêmeo, de outra encarnação, nosso sócia terrestre de então, que escolhera aquela forma para visitar-nos.

Somente através do Espiritismo poderíamos descerrar a cortina do passado e receber a saudáijão de um dos nossos irmãos espirituais, que mostrou estar conosco. O grau de adiantamento do guia-protetor está em relação com o de seu protegido.

"Os nossos trabalhos mediúnicos são realizados com a sua presença; sempre que precisamos dele para tributarmos a alguém os benefícios de nossa mediunidade, chamemo-lo por meio de uma prece fervorosa e imediatamente o teremos ao nosso lado, cooperando conosco/" (E. Rignonatti, "A Mediunidade sem Lágrimas", Capítulo "O protetor do médium").

"Tomemos nota de um ponto muito importante: o protetor de um médium não lhe poderá dar bens materiais; não lhe dará conselhos ou indicações para tratar de negócios; não o livrará de suas provas ou expiações; nem lhe satisfará caprichos ou mesquinhas ambições. As obrigações de um espírito protetor junto de um médium são todas de ordem puramente espiritual e é nesse sentido que devemos compreender sua proteção. Peçamo-lhe que nos auxilie a obter a riqueza da espiritualidade, certos de que quanto mais espiritualizados estivermos, tanto menos necessitaremos das coisas da Terra." (Idem)

Em nossas aflições, doenças e problemas espirituais, ou intercedendo a favor de terceiros, oremos o "Pai Nosso" com fervor e mentalizando o destinatário de

nosso pedido, concentradamente, e invoquemos a presença do anjo da guarda, para solicitar-lhe a ajuda pretendida. Em regra, as orações devem ser dirigidas diretamente a Jesus, mas, por exceção, elas podem ser endereçadas ao nosso espírito protetor. Fiquemos, porém, advertidos, de que se não trilharmos o caminho do bem, do amor e da caridade, esse importante espírito pode afastar-se de nós, uma vez que não pode perder tempo, infrutiferamente, deixando-nos entregue à influência das entidades espirituais inferiores. O prejuízo, então, por nossa culpa, será grande. Mas, nosso guia não abandona o seu assistido completamente, nem definitivamente ("O Livro dos Espíritos", n.º 495). Bradley, em sua obra "Rumo às Estrelas", esclarece que o médium pode possuir vários espíritos guias.

Todos temos um anjo da guarda principal, sem prejuízo de outros, auxiliares. Os anjos da guarda são constituídos de espíritos puros, uma vez que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições. Allan Kardec, no "O Livro dos Espíritos", esclarece essa matéria e, também, aborda a questão da existência ou não de demônios. O assunto é tratado pelo Codificador, naquela obra, n.º 128 a 131.

Todos os espíritos foram criados simples e ignorantes. Desse ponto de partida vão progredir até chegarem ao estado de espírito puro. No referido livro, capítulo (Livro Segundo) "Dos Espíritos", Kardec demonstrou a falsidade da crença de entidades criadas perfeitas.

A ÁGUA FLUIDA, A FÉ, A PRECE E OS PASSES ESPÍRITAS

A água fluida é, para os espíritas, como a água benta da igreja católica. É purificadora e quando associada aos fluidos terrestres, oriundos das preces fervorosas das entidades humanas, mais aos da esfera superior, que nos vem trazidas pelos espíritos benfeitores, nos fornece muitos benefícios. É servida nos Centros Espírita, como complemento do passe e das orações. Mas, também, pode ser produzido em casa, segundo a receita do livro de E. Rigonatti ("A Mediunidade Sem Lágrimas, capítulo "Não esperemos tudo dos outros") a qual merece ser difundida:

"Sabemos que a água é um ótimo veículo para os remédios espirituais, porque pode ser facilmente magnetizada e impregnada de fluidos curativos. Para a cura de enfermidades e conservação da saúde nossa e de nossos entes queridos, nada mais simples e natural do que empregarmos o método da cura pelo copo d'água;

consiste no seguinte: todas as noites, antes de deitar, coloquemos à cabeceira um copo d "água e roguemos ao Senhor que permita sejam ali depositados os fluidos úteis à reparação de nosso corpo. De manhã, após nossas orações, bebamos a água cheios de fé. Preparemos a água para nós e para nossos filhos e, depois das preces em conjunto, daremos a água a todos, confiantes na Providência Divina."

A prece é um veículo de comunicação entre os seres terrenos e a divindade, ou, ainda, elemento de invocação, para falarmos com o nosso anjo da guarda, pelo qual, também, oramos a fim de pedir lhe o auxílio, ou para agradecer a ajuda que nos foi propiciada. A prece não prescinde da fé fervorosa. Perde seu alcance, quando pronunciada só pela boca. Devemos, por outro lado, nos concentrar, mentalizando o objeto ou o destinatário de nossas preces. Através delas, transmitimos e recebemos mensagens dos espíritos.

O Centro Espírita, é frequentado por espíritos de boa, como de má categoria. Quando recebemos o passe, ficamos limpos das influências negativas dos nossos irmãos mais atrasados do espaço extra-terreno. O passe evita que carreguemos conosco, na saída, os maus fluidos dessas entidades espirituais. Mais, ainda, durante o passe nos são, às vezes, trazidas mensagens de nossos espíritos protetores.

Exemplificando, com um caso especial ocorrido conosco: recebíamos um passe do médium Dr. Ney Coutinho, quando nos informou que algo estava por vir, mas, que devíamos nos conformar, ter paciência e tolerância. Pedida explicação à mesa dos trabalhos da sessão, obtivemos a resposta de que cuidava de queima do carma, que teríamos que sofrer. Os esclarecimentos dos espíritos ainda diziam que nossos desencarnados oravam por nós. Efetivamente, dois ou três meses após a nossa mãe adoeceu e veio a desencarnar. Fora uma mensagem dolorosa e triste; funcionou, porém, como um protetivo, uma preparação para o choque, que seria muito maior, se o evento ocorresse repentinamente. E, principalmente, por sermos cardíaco. De sorte que a notícia, desagradável, representou, aí, uma consideração benevolente. Caso contrário, os espíritos teriam deixado que a bomba explodisse no devido tempo.

OUTRO CURIOSO CASO, COM ÁGUA

Estávamos na área de serviço de nosso apartamento. Era de manhã. De repente, sentimos como se alguém despejasse o conteúdo, mais ou menos, de um canecão de água, na nossa nuca, por trás da camisa do pijama. A água estava muito fria, por se tratar de temperatura de inverno. O pijama ficou todo molhado e, em baixo, no chão, havia uma poça cTágua. Sem pensar em mais nada,

a nossa primeira impressão foi que alguém da casa fizera uma brincadeira de mau gosto conosco. Mas, não havia pessoa humana alguma por trás e pela nossa frente; a uns dois metros de distância, apenas a minha mãe e uma sobrinha assistidas, por haverem presenciado o fenômeno tido como sobrenatural. Pedimos, mais uma vez, ao nosso vizinho, R. N. C., que nos colhesse uma explicação no Centro Espírita, que frequentava. A resposta não demorou a chegar. Os Espíritos consultados esclareceram que se tratava de água fluida, trazida do Alto, para nos benzer, pelo nosso benfeitor espiritual.

Esta é uma outra função da água fluida, na prática. Realmente, no dia seguinte íamos ao fórum responder aos termos de uma injusta demanda. Não era preciso dizer que fomos felizes e vencemos a ação, do começo ao fim...

Um esclarecimento útil, para melhor compreensão da matéria: antes de reencamarmos, há no espaço a "Escolha das Provas" feita livremente pelos espíritos preparados com o auxílio de seu anjo da guarda, ou outro benfeitor, para uma nova experiência na crosta terrestre. Como nós mesmos escolhemos as provas a fim de purificar o nosso espírito, mais depressa ou lentamente, não temos o direito de reclamar das consequências de semelhante oferta.

A conformação é uma virtude importante, para o êxito da empreitada, ou, como adverte o doutrinador E. Rigonatti, em "52 Lições do Catecismo Espírita", página 74. "Aqueles que não cumprirem suas provas ou não suportarem suas expiações terão de recomeçá-las de novo".

Há uma experiência citada no livro "O Céu e o Inferno", Capítulo "Juliana Maria, a mendiga", de Allan Kardec, que poderá ser tentada em casa, por pessoas que possuam um certo grau de mediunidade. Nesse caso, fornecemos algumas instruções, de ordem prática, do mecanismo do fenômeno. É preciso, antes de tudo, ter fé, concentrarmos mentalizando as imagens do espírito da irmã Juliana e da pessoa terrestre sob a nossa assistência. Depois, é ainda necessário relaxarmos, completamente, os músculos da parte traseira das costas e da nuca e oremos, esperando, em pensamento, a chegada das vibrações, com o arrepio involuntário das partes acima indicadas. No começo, nada sentimos, mas, com o exercício, pouco tempo depois, conseguiremos facilmente e para sempre o resultado almejado, o que acontece conosco.

De resto, uma consideração pessoal: prece "ouvida" significaria prece atendida? Gramaticalmente, claro que não, embora a audiência já seja um passo importantíssimo. Interpretamos, porém, em um outro sentido. É que Deus capta os nossos pensamentos até por antecipação. É da faculdade Divina.

Toda prece é ouvida. Basta que seja fervorosa. O seu atendimento depende de nossos méritos espirituais: ou da condição de não representar prova ou expiação, necessária ao resgate de nossos débitos cármicos. E, em benefício da purificação de nosso espírito.

LEVITAÇÃO

Lemos em "O Duplo Etéreo", livro do escritor A. E. Powell, que o soerguimento de uma mesa do solo (levitação) produzirá "aumento de peso do médium de cerca de **95** por cento do peso da mesma e o dos assistentes aumentará proporcionalmente. Se, por outro lado, as hastes (sustentáculo da mesa) são aderidas ao chão, o peso se transmite diretamente ao solo e o peso do médium, em lugar de aumentar, diminui. Esta diminuição é devida ao peso do ectoplasma formador das "hastes", uma de cujas extremidades se apoia no solo."

Na levitação é vencida a lei universal da gravidade, que atrai os corpos pesados para o centro da Terra. Os objetos sobem por se tornarem mais leves que o ar, em virtude do fenômeno espírita de efeitos físicos. Mas, também, descem, por meio de ação controladora dos espíritos, suavemente, tal como foram impulsionados para cima. E, não só objetos de peso considerável como pessoas, as quais podem ser levitadas.

Em outra obra, "Mecânica Psíquica", referindo-se o autor à levitação de pessoas, explica que o peso do indivíduo levitado é retirado durante a operação e distribuído pelos médiuns intervenientes na fenomenologia proporcionalmente, o que foi demonstrado por pesagem especial, durante os trabalhos.

Não se aconselha que experiência de tal tipo seja tentada fora de Centro Espírita, pelo risco que pode oferecer. Já houve caso de levitação em que, em vez do objeto descer devagarinho, sob controle dos médiuns, despencou do teto na velocidade normal, produzindo danos. Isso bem pode ocorrer com pessoa, também. É que na sessão espírita o poder de controle, ou de comando da operação, será de absoluta segurança, pelo poder muito maior dos médiuns desenvolvidos e, conseqüentemente, preparados para obstar quaisquer riscos.

Sempre aproveitando a oportunidade para registrar os fenômenos espíritas que experimentamos, este autor relata o seguinte acontecimento. Estava em visita na casa de sua sogra, onde, também, se encontravam a sua esposa e um seu cunhado, na cidade de Ribeirão Preto (SP.), todos espíritas, quando fomos convidados para assistir a uma cena de levitação de nossa pessoa. Não duvidamos da possibilidade da ocorrência de tal fenômeno espírita, pelo que andamos lendo nos mais respeitáveis escritores da especialidade científica, porém, da capacidade dos médiuns presentes.

Contudo, sentamos em uma poltrona pesada e nos preparamos. Em plena luz do dia, os três médiuns colocaram, dois deles, as suas mãos sob a nossa cabeça e o terceiro os dois indicadores (dedos das mãos), embaixo de nossas axilas e começaram a dizer: — "Levanta", e pedindo, também, repetirmos o mesmo, atentamente concentrados. Aconteceu que a poltrona foi-se levantando a uma altura de mais de metro do solo, comigo, tudo em peso mais ou menos de **100** kls. Logo depois, a operação inversa sob as vozes de comando "desce" e fomos

descendo tão suavemente, até voltar ao solo. Agradecemos a Deus por essa rara oportunidade que nos deu, de testemunhar ao vivo mais um importante fenômeno espírita.

Levantamento das Mesas

("Revista Espírita", ano **1861**, pg. **37**)

O desinteresse do médium comprova a sua boa fé e exclue a presunção de fraude. É impossível, nas condições em que se desenvolve o fenômeno, admitir-se o emprego das forças musculares do médium (pg. **38**). Segundo a aludida revista, (pg. **39**), deve-se afastar toda influência eletro-magnética como causa produtora desses fenômenos, mas, considerar a intervenção dos espíritos.

O fluido universal indicado por instruções dos espíritos é o agente de toda a fenomenologia espírita. É a explicação do fato de um corpo mais pesado do que o ar desprender-se do solo, manter-se no espaço (e descer, suavemente) contra a lei da gravidade. Ignoramos a natureza desses fluidos e suas propriedades, segundo a concepção científica convencional das leis da natureza humana, (pg. **40**). As condições de quase escuridão favorecem os trabalhos. Em regra, os espíritos atrasados são os que mais cooperam nessa operação.

No "O Livro dos Médiuns", capítulo IV "Teoria das Manifestações", de Allan Kardec, vamos encontrar subsídios importantes sobre o levantamento de objetos pesados e de pessoas, cujas experiências, já exploradas por diversos outros autores, foram testemunhadas por pessoas de relevante autoridade.

UMBANDA

Encontramos em João Teixeira de Paula, "Estudos de Espiritismo", pgs. **147 e 148**, os seguintes esclarecimentos iniciais:

"A Umbanda é prática religiosa oriunda dos negros africanos bantos que, juntamente com os sudaneses, foram trazidos ao Brasil como escravos.

Existindo entre os negros bantos, segundo Nina Rodrigues e Artur Ramos, o culto dos antepassados, ou a crença na existência das almas dos mortos, os negros brasileiros fundiram esse culto com as práticas do Catolicismo e do Mediunismo, assimilando-o ao seu ritual supersticioso, daí nascendo, então, o culto banto-ameríndio da Umbanda.

A Umbanda não conta com nenhum Codificador, como o Espiritismo, ou Reformador, como o Protestantismo, ou Papa, como o Catolicismo, para nos cingirmos somente a comparações religiosas do Ocidente. Brotou fenomenológica e simultaneamente em numerosos recantos do país, naturalmente como resultado étnico de modificação histórico-religiosa ameríndia.

Está ela pejada de rituais díspares e caracteriza-se pelas manifestações de caboclos e pretos velhos. Não possui nenhum código basilar e trabalha com

diversas classes de Espíritos, tais como:

1." — Os orixás maiores e menores individuais, isto é, os guias espíritas ou santos católicos;

2/ — Os Espíritos celestes, que são aqueles que não passaram pela encarnação humana;

3." — Os elementos ou forças vivas da natureza, aos quais fazem referência os esoteristas e teosofistas;

4* — Os exús, ou Espíritos inferiores, mas para a prática do bem;

5/ — Os elementares, ou oguns, que são os Espíritos do zé- po vinho.

À ignorância religiosa assaz concorreu para o desenvolvimento do ritualismo afro-católico no nosso país, ritualismo esse que, sendo incorporado a certas práticas mediúnicas, deu em resultado o aparecimento do Umbandismo em nossos meios/

A finalidade da umbanda é não só cultuar os antepassados, como estabelecer a comunicação dos espíritos dos mortos, com intenção benéfica. De sorte que, partindo dessas premissas, agasalha grande número de semi-analfabetos, de baixa escolaridade e quase nenhuma leitura instrutiva, ao lado de alguma parcela de pessoas de melhor instrução. Aquela a regra, esta a exceção.

No Espiritismo dos adeptos da doutrina de Allan Kardec prevalece a média. Queremos deixar bem claro que perante o Senhor os pobres de *espírito*, os humildes são os mais bem vistos por todos nós *espíritas*. "Bem aventurados os pobres de espírito" disse Jesus, "porque deles é o reino dos Céus." É da justiça Divina socorrer primeiro os *mais necessitados*, como na Terra fazem todos os pais na *distribuição dos cuidados paternos*. Mas, em relação aos trabalhos do mediunismo, (daí as considerações do presente intróito), o intelecto é muito importante. Os dicionaristas definem-no "como a *faculdade de compreender*" (Séguier), ou "as impressões recebidas *pelos sentidos se tornam inteligíveis*". (Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda).

As exigências do desenvolvimento de nossa mediunidade e no próprio progresso de nosso espírito depende muito do duplo fator: aprimoramento moral e intelectual. Sim, porque uma coisa está ligada à outra. Deus criou os espíritos como pedra bruta, que se vai lapidando no curso de muitas e sucessivas encarnações na senda do progresso espiritual, até alcançar o estágio de espíritos puros. Precisamos, pois, desenvolver o nosso cérebro, a fim de melhorar a nossa condição em quaisquer hipóteses. Uns mais, outros menos. Os mais inteligentes se avantajam, em proveito próprio e na ajuda ao próximo, pelo desenvolvimento de sua mediunidade de trabalho.

Considere-se a lei das afinidades entre os espíritos e a lei de atração que lhes regem as comunicações. Quanto mais atrasados os espíritos, quer dos vivos, quer dos desencarnados, podem produzir maus resultados práticos; quanto mais

instruídos, colherão melhores frutos. No primeiro caso, apesar da boa vontade dos agentes, há os riscos inerentes da evocação involuntária de espíritos inferiores, que podem trazer más influências aos participantes dos rituais e se os diretores espirituais umbandistas não estiverem bem preparados, com boa instrução» também poderão ser afetados ou dominados pelas entidades mais poderosas do Além.

Se a assistência dos fieis é fraca, pode haver comunhão de pensamentos, mas a sintonia não ajudará muito. Por isso, imaginamos como é difícil aos "exus" ou aos "oguns" controlarem os maus elementos, conseguir que os umbandistas estudem e leiam muito o Evangelho e os bons livros espíritas, para emitirem bons fluidos, auxiliarem o bem no trabalho intencionado a que se propõem. Os dirigentes dos trabalhos precisam estudar e ler com afinco, estarem preparados para auxiliar o povo.

Vejamos o que disse Allan Kardec a respeito das sessões numerosas ("O Livro dos Médiuns", Capítulo XXIX "Reuniões e Sociedades", n.º **332**):

"A concentração e a comunhão de pensamentos sendo as condições necessárias de toda reunião séria, compreende-se que o grande número de assistentes é uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número. Compreende-se que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez pessoas distraídas e barulhentas. Mas, é também evidente que quanto maior número, mais dificilmente se preenchem essas condições. É aliás um fato provado pela experiência que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis as boas comunicações..

Kardec divide as reuniões em frívolas, experimentais ou instrutivas e lendo-se o "O Livro dos Médiuns", com atenção, dos números **325** a **333**, tomaremos bom conhecimento do seu conteúdo útil.

Tanto em nosso meio, como no mundo invisível, se encontram as entidades perturbadoras. No número **340** do referido livro se encontram as referências sobre tal matéria e os recursos de que dispomos para espancar as más influências. É gratificante ler as preciosas advertências, daquele que discute a matéria com conhecimento de causa e inteira responsabilidade moral e intelectual. Somos todos irmãos, buscando nos auxiliar mutuamente. Ê o nosso propósito.

"O Livro dos Médiuns", n.º **348**, fala da mútua assistência das Sociedades Espíritas, no melhoramento das massas, pelo aperfeiçoamento dos indivíduos, (n.º **350**), animados do sentimento do bem. Allan Kardec, na "Revista Espírita", ano **1860**, pg. **305/304**, indicou os sinais pelos quais se pode reconhecer se uma sociedade é ou não assistida por espíritos do mal. Há perigo em confiar a •K^ualquer um a direção superior dos trabalhos do Centro, (idem Bgi **346**).

QUIMBANDA - CANDOMBLÉ - MACUMBA

Estas seitas que também são oriundas dos negros africanos, para aqui transportados como escravos, são dirigidas para os vícios e voltadas para o mal. São os rituais chamados de terreiro, onde são invocados os espíritos infelizes das trevas, muito atrasados, devedores, ignorantes, os quais se tornam joguetes. Não devem ser confundidos com o Espiritismo, nem com a Umbanda.

Os quimbandistas adotam a idolatria, os mitos supersticiosos e feitiçaria. Fazem uso de figuras de barro, cera, porcelana, madeira, vidros, quadros e desenhos pintados, representando "gênios". Deixam velas, comidas e aguardentes nas encruzilhadas dos caminhos, onde invocam espíritos viciosos, sabido que estes podem aspirar ou sugar os odores da bebida e dos alimentos.

Os bruxos e as bruxas podem fazer os males aos seus desafetos, mas, pagarão caro, perante a lei de Deus, o malefício, dentro do princípio do livre arbítrio. Cada qual recebe o prêmio ou o castigo, consoante a sua atuação.

Os objetos, tanto quanto as estampas e os quadros, facilitam a concentração do pensamento. O nosso pensamento nos foge facilmente. De sorte que, para prestar mais atenção, meditar, concentrar-se melhor, explica-se o seu uso, embora essa prática seja condenável quando visa ao malefício.

A quimbanda é a parte mais perigosa à saúde e até à vida daqueles que participam dela. No plano espiritual será a queda mais longa e profunda de seus agentes. É usada para assombrar habitações e pessoas. O remédio da vítima só reside no Espiritismo. É preciso ter muita cautela e, sobretudo, não fazer confusões e errôneas comparações. É preciso ler e orar sempre para livramento do mal que está em toda parte, na Terra e no espaço.

A PODEROSA MEDIUNIDADE PODE SER ATRIBUÍDA TANTO ÀS MÁS, COMO ÀS BOAS PESSOAS

Allan Kardec explica em seu livro "O que é o Espiritismo", capítulo "Qualidades dos médiuns, n.º 68, o seguinte:

"As qualidades pessoais do médium desempenham importante papel, pois delas é que depende a natureza dos Espíritos que atraí.

Os médiuns mais indignos podem ter poderosas faculdades, mas os mais seguros são os que a esta força unem as melhores simpatias no plano espiritual, as quais não estão, de modo algum, garantidas por nomes mais ou menos respeitáveis, que se atribuem os Espíritos ou que tomam os que assinam as comunicações, e sim pela natureza constantemente boa dos que as recebem."

Vale aqui, um esclarecimento: a mediunidade é dada a médiuns de baixa qualidade pessoal, como instrumento para aperfeiçoamento de seus espíritos inferiores e atrasados. Permite-se o mau uso daquela faculdade em desvio de sua finalidade, porque é da essência do Espiritismo a teoria do livre arbítrio no comportamento humano; não que os Espíritos superiores estejam de acordo, nessa hipótese. De sorte que a responsabilidade daquele que recebeu a dádiva, Visando a um nobre desempenho e a emprega maleficamente, tem a sua responsabilidade moral aumentada; bem assim, o castigo correspondente, dimensionado pela natureza e gravidade da falta.

O processo valoriza a atuação dos médiuns de boa qualidade que, de boa vontade, com amor e carinho cumprem as suas missões. Estes últimos recebem, em dobro, as bênçãos do Alto. Informa-nos o escritor e médium, Jorge Rizzini, em programa de televisão, que na Inglaterra a mediunidade de cura (tratamento e cirurgias) são agasalhadas por Lei do Parlamento. Os médiuns ou cirurgiões desencarnados, atuando pelos medianeiros viventes, agem livremente. O agente, da Terra, não precisa ser necessariamente formado em medicina; porque são os operadores as entidades do espaço, sós, ou em equipe. E, aquele paia possui uma civilização milenar. E a guarda avançada do Espiritismo.

EXORCISMO - POSSESSÃO - OBSESSÃO

Consoante o "Dicionário Prático Ilustrado" da língua portuguesa, de Laime de Séguier, o exorcismo é definido como "oração ou cerimônia religiosa, para livrar-se de espíritos maus ou de coisas nocivas." Para a igreja católica os "espíritos maus" são apresentados como demônios que procuram a perdição da humanidade. Já o Espiritismo ensina que inexiste o demônio. Deus, infinitamente sábio e misericordioso, como criador de todas as coisas, não iria introduzir um tal gênio em sua obra. E, em vez do demônio, é concebido a existência de espíritos maus e inferiores, que vêm perturbar ou subjugar os espíritos dos viventes.

O vocábulo possessão não é apropriado, pois, o espírito invasor espacial não se apropria do corpo da pessoa viva. Não-há a expulsão ou substituição de um espírito por outro, o que traria como consequência o falecimento da entidade viva. Nesta, o espírito só parcialmente pode abandonar o corpo, ao qual continua ligado por um tênue fio etéreo que atravessa portas fechadas e paredes, atingindo grandes distâncias durante o sono. Contudo, sempre regressa em tempo.

Quando perturba a vítima temos a obsessão, a qual pode ser mais ou menos grave. Nesse exemplo, o espírito maligno o faz mediante sopro, sugerindo ao espírito mais fraco, vivente, os maus pensamentos, capazes de levá-lo às más ações. Pode atuar, sugando as energias do fluido vital do ofendido, debilitando a sua saúde. O móvel de atuação é, geralmente, a vingança, por inimizade surgida em outras encarnações. Acontece igualmente como no caso de habitações assombradas que a má influência dos "fantasmas" do Além se dirige contra coisas, afetando as pessoas que eventualmente estejam ocupando, por exemplo, uma casa, na qual um mau espírito, ainda quando vivo, haja "preparado" macumba.

Na subjugação, o espírito invasor não expulsa o espírito dono do corpo, do seu invólucro, mas, apenas submete inteiramente a vontade do mesmo à sua. De sorte que, anulada a personalidade do vivente, passa a apresentar a que possuía o invasor antes de sua transição, como se vivo fosse, servindo-se das faculdades do corpo tomado de empréstimo. Evocado, por meio do médium especializado, o espírito invasor, (presente o do invadido), após a prece, (na qual se suplica a ajuda, em nome de Deus, a intervenção dos Guias, ou espíritos protetores dos medianeiros) e comparando o responsável, estabelece-se um diálogo. Neste, o médium ouve o perseguidor, mostra-lhe o erro do procedimento que o motiva e o aconselha à reconciliar-se com o seu adversário, no sentido da doutrina cristã,

e, assim, tudo voltará ao normal.

Embora a literatura registre alguns casos de êxito na prática de exorcismo por padres da igreja católica, o seu efeito é temporário, porque nem sempre o sacerdote convence o espírito obsessivo, como faz o Espiritismo. E não pode fazê-lo, porque, para conseguir um completo êxito, de libertação do paciente da má influência, não basta expulsar a entidade. Teria não só invocar espírito dos desencarnados, como comunicar com o mesmo, a fim de esclarecê-lo, o que iria contra o dogma de sua religião. Daí a ineficácia do seu exorcismo, de sorte que convém dar ao Espiritismo o que a ele pertence.

O padre conseguiria algum resultado em razão de sua prece fervorosa, com a evocação do nome de Deus. Contudo, o invasor pode voltar, dizendo que tem o direito de perseguir a sua vítima, para complementar a sua vingança, ao qual pensa constituir ato de justiça.

Por essa explicação fica esclarecido que os maus espíritos só atacam aqueles que sabem poder dominar e não os que possuem, por sua conduta, a couraça de sua superioridade moral. Transcrevemos um tópico da matéria da defesa natural contra a má influência dos espíritos do Além, ministrado pelo Codificador:

"Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que convém prevenir. Talvez perguntem por que todos os que fazem o mal não são atingidos pela possessão? A isto respondemos que, fazendo o mal, sofre de outra maneira a pernicioso influência dos maus Espíritos, cujos conselhos escutam, pelo que serão punidos com tanto mais severidade quanto mais agirem com conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, nenhum amuleto, nenhum signo, nenhuma palavra para afastar os maus Espíritos. A pureza de coração e de intenção, amor de Deus e do próximo, eis o melhor talismã, "Revista Espírita", ano **1863**, pg. **139**. (...)"

No "Livro dos Médiuns", capítulo XXIII, Allan Kardec elucida sobre a obsessão, cujo o leitor encontrará maiores esclarecimentos. E a obsessão pode alongar-se até mesmo depois do desencarne, segundo "Nos Bastidores da Obsessão", de Divaldo Pereira Franco, 2.^a edição, pg. **32**.

Kardec ensina que a prece "é o mais poderoso meio de que se dispõe, para demover de seus propósitos maléficos o obsessivo".

A terapia espírita é de ajuda e de encaminhamento para os reajustes e orientação, no sentido da possível e oportuna libertação, segundo os princípios do Espiritismo e a carga de cada carma, a ser queimado.

HABITAÇÕES MAL ASSOMBRADAS (Várias manifestações de efeitos físicos)

Há poucos anos atrás tomamos conhecimento direto de caso de uma casa mal-assombrada. Na sala do café dos juizes e promotores da cidade de S. André (S.P.), um dos membros do Ministério Público contou que em sua residência, após haver trancado todas as portas e janelas, para dormir eram espalhados pelo chão pedaços de grossas velas pretas e brancas, além de camadas de farinha de trigo e açúcar, não sabendo de que modo, muito menos por quem, do que tomava conhecimento ao despertar.

O fato era mais estranho ainda, por ocorrer em época de racionamento. Esclareceu-nos essa personalidade, a qual apelidamos pelo Dr. Vi..., que então, morava sozinho. Recorreu ele à autoridade policial, para as investigações. O delegado de Polícia foi dormir uma noite na casa e antes disso selou, por dentro, todas as entradas e saídas.

Na manhã seguinte, repetiu-se o fenômeno, sem que os selos fossem rompidos, o que excluía uma eventual participação humana naqueles eventos. Os meus colegas foram de opinião que o Dr. Vi... devia, simplesmente, abandonar a sua residência. Nós, porém, pensando na ocorrência de provável obsessão dos espíritos dos mortos, fomos de parecer que melhor, para o atormentado e confuso amigo, seria permanecer mais um pouco no local a fim de esclarecer os fatos. Mesmo, em benefício de seu psiquismo e sistema nervoso em "pane", para não carregar possíveis más influências...

O nosso conselho foi bem acolhido pela vítima. Mas, o caso foi piorando. O Dr. Vi... já mostrava semblante transtornado e sinais de esgotamento nervoso, ao trazer mais informes. Agora, ouvia vozes de fantasma oculto, que lhe dizia: "Vai embora" e repetia sempre "Vai embora"; ao mesmo tempo, em que vários objetos, como cinzeiros e tudo o que estivesse por perto, eram arremessados em direção à sua cabeça. Só não se feria, garante, porque se esquivava.

Os nossos colegas, três juizes de Direito e outro tanto de promotores públicos, julgavam tratar-se de perturbação mental de natureza física, aconselhando ao nosso colega à procurar um médico da especialidade.

Divergimos, mais uma vez, desse diagnóstico e encaminhamos o paciente a um Centro Espírita. Assim o fizemos, porque a natureza e as demais circunstâncias

que contornavam os fatos, somadas ao perfeito equilíbrio do Dr. Vi... que conhecíamos bem, davam-nos uma pista acerca da origem de tal fenomenologia.

O próprio paciente escolheu um médium, de localidade bem distante da comarca, pessoa desconhecida de todos e que fez o seu trabalho à distância, sem precisar vir pessoalmente ao local infestado. O médium elaborou uma mensagem escrita, para uso do Dr. Vi... na qual esclarecia tratar-se de um processo de "macumba" ou "despacho", do qual se serve o baixo espiritismo, para fazer o mal através dos espíritos, em sintonia com os espíritos inferiores do mesmo nível de seus irmãos desencarnados.

Na hipótese em tela, um mau ex-inquilino espetara alguns alfinetes em uma bruxinha, colocada no interior de um vaso, que se encontrava sob uma pia localizada junto à casa, fazendo dela o foco da concentração dos maus fluidos, atrativos da presença dos malfeitores do espaço. Removido o objeto, quebrado o vaso e jogada a tal buchinha em uma corrente de água de um riozinho sob as vistas do nosso assistido, tudo acabou como por encanto.

Os autores esclarecem, a respeito do deslocamento de objetos atirados pelos espíritos obsessores contra a pessoa do obsediado é mais um produto de ilusão ou alucinação, provocada pelo agente ativo; embora, na realidade, também, possam atirar objetos de louça ou de vidro contra o chão ou paredes, fazendo-os em pedaços. O intuito do espírito invasor é o de assustar ou afugentar a sua vítima.

Este acontecimento não se torna tão importante por si só, como pela sua comprovação, invocada a palavra ou testemunho de juízes e de membros do Ministério Público, a qual é investida de fé pública, em razão da respeitabilidade de ofício.

Outra consideração que o escritor sugere é de oportunidade para distinguir entre o valor do Espiritismo, codificado por Allan Kardec, o qual atua no sentido do bem, do amor a Deus,- ao próximo e à humanidade, e o Espiritismo de "terreno", chamado de "quimbanda", onde são invocados, (ou aparecem espontaneamente), espíritos dos desencarnados, sofredores, sem instrução alguma, inferiores, ainda impregnados de sentimentos negativos, de revolta, ódio, inveja, vingança, mistificações, etc.

Em outra parte desta obra buscaremos explicar o problema das fraudes e mistificações dos espíritos, o que não se deve confundir, ou melhor, atribuir ao Espiritismo.

Para ilustrar o nosso despretencioso trabalho, nada melhor do que citar o grande sábio Ernesto Bozzano, em seu livro "A morte e seus mistérios", vol. **1**, pg. **28**, que elucida:

"CASO IX — No livro autobiográfico do médium Sr. Russell Davies: The Clairvoyance of Bessie Williams ("A clarividência de Bessie Williams"), publicado a conselho de sua grande amiga Sra. Florence Marryat, lê-se, entre outras

coisas, que o referido médium possuía a pouco invejável faculdade de provocar fenômenos de assombramento, cada vez que permanecia em alguma casa onde tivesse ocorrido, no passado, cenas de sangue."

Logo depois, à página **29**, no tópico final menciona outro tipo de habitação, fornecendo mais detalhes, com influência do ambiente frequentado por maus espíritos não mais ligados a este mundo, pela vida material:

"Averiguou-se, depois, que alguns séculos antes, aquela casa fora uma hospedaria, cujo dono, em vida, quando se lhe mostrava propícia a ocasião, assassinava os hóspedes para roubá-los".

Outro assunto, bastante curioso e instrutivo, reside no fato de objetos e peças de roupa das pessoas servirem de pista à investigação e à localização dos desaparecidos, por ação ou mensagem do espírito dos mortos. Antes do relato de Ernesto Bozzano ("Metapsí- quica Humana", pg. **57/60**), conhecíamos a influência desse material humano, apenas para a prática do malefício da "macumba", ou para o faro de cães de caça, visando àquela descoberta.

Para J. P. L. Crouzet ("Répertoire du Spiritisme") citando Allan Kardec, o exorcismo, atrás aludido, é ineficaz para afastar os maus espíritos (" O Livro dos Médiuns", n.^{os} **90 e 279**).

Os livros espíritas ensinam que só o Espiritismo pode fazê-lo, por médiuns qualificados, geralmente em Centros especializados. O trabalho se faz por evocação dos espíritos perturbadores, os quais, às vezes, aparecem espontaneamente. Tais obsessores são ali doutrinados, após ouvidos e esclarecidos sobre as causas e conseqüências de suas ações para seus espíritos. São convencidos pelo médium à abandonar as suas vítimas. Às vezes, o fazem logo, outras ocasiões se julgam com direito a continuar a sua vingança, denotando revolta pelo que sofreram, por culpa atribuída ao obsediado. Os mais renitentes são, então, enviados às colônias de tratamento a cargo dos espíritos benfeitores do espaço. Voltam, a seguir, arrependidos e prometem cooperar, para a solução do malefício.

Cabe, aqui, um dado de muito interesse: o malefício ou as calamidades podem ser coletivas, nas quais as pessoas estão reunidas por efeito dos instrumentos da Providência Divina. Em um desastre de certo grande avião ou o naufrágio de um grande navio. Aparentemente, nesse lugar poderiam estar inocentes e devedores. Contudo, a justiça do Alto é infalível, todos eram condenados ao desencarne violento por essas mesmas formas. Todos e cada um (vide "Revista Espírita", ano **1869**, pgs. **289/290, 296, 380, 382/383**, etc.). A justiça de Deus é mais perfeita, justa e consoladora, do que a do homem. Inexiste naquela a impunidade para ninguém, rico ou pobre, poderoso ou fraco.

Geralmente o vulgo confunde o significado dos vocábulos expiação e provas. A expiação será reservada ao estado de erraticidade? E, as provas restritas à vida corporal? A resposta está na "Revista Espírita", ano **1863**, pg. **269**. A expiação

implica a ideia de uma falta cometida, sob a ação de um castigo regenerador. As provações implica a ideia de uma inferioridade real ou presumida. Mas, em certos casos as provas se confundem com a expiação, pois, ela pode servir de provação e vice-versa, ("Revista Espírita", ano 1863, pg. 269 e 271). A causa pode não ser desta existência (idem pg. 272). O caráter delas é de não serem impostas, mas admitidas pelo espírito devedor, na erraticidade, para o seu melhoramento, (idem, pg. 274: vide. também, sobre essa matéria: Crouzet, "Repertoire du Spiritisme", pg. 122), antes, de se lançar à reencamação.

Para melhor elucidação sobre os inconvenientes da evocação de maus espíritos, há ensinamentos salutaros de Allan Kardec em "O Livro dos Médiuns", capítulo XXV "Das Evocações",

O HOMEM QUE NÃO CONSEGUIA DORMIR

Relata o nosso Diretor Espiritual do "Núcleo de Estudos Espíritas", Eliseu Rigonatti, em uma de suas pregações, o trabalho e a experiência de cura de uma pessoa "que não conseguia dormir."

O paciente já havia esgotado todos os recursos da medicina humana e não era capaz de adormecer. E, a criatura definhava com a doença. O seu sistema nervoso dava evidente mostra de fadiga, a qual se refletia no corpo, fisionomicamente, à medida que os dias se passavam. Como último recurso, a família apelou para o Espiritismo.

Cuidava-se de atuação em grupo, por meio de médiuns muito bem dotados e experientes no assunto. Houve uma instrução, no sentido de se lidar somente com o espírito enfermo, durante o sono. Era a primeira dificuldade: fazer a pessoa adormecer. Isso só pôde ser conseguido por processo de anestesia, o que foi feito por médico. Eis um caso de cooperação da Medicina terrestre com a do espaço, complementarmente. O resultado foi alcançado. O paciente, sob o efeito do poderoso anestésico, ficou insensível, acalmou-se e perdeu os sentidos.

As condições para os trabalhos foram, assim, criadas. Os médiuns, através de evocações, obtiveram a presença de um espírito obsessivo desencarnado, que esclareceu o seguinte: "não deixava o espírito do homem encarnado dormir, porque, durante a fase do sono, o mesmo se desprendia parcialmente do corpo, a fim de perseguir o espírito do obsessivo, seu inimigo de outra encarnação". Tratava-se, consoante o comunicante, de legítima defesa própria. Doutrinado o espírito, no sentido de abandonar a sua vítima e prometido que esta, por sua vez, seria trabalhada para, também, mudar a sua má conduta; houve, afinal, a harmonia, o perdão das ofensas e a paz voltou a reinar nas regiões de atuação dos espíritos, quer da entidade 'vivente, quer na do falecido.

A reconciliação operada nos dois planos foi consentida por Deus, o qual a tudo preside do Alto. A rigor, nem seria necessário rematar que "o homem que não conseguia dormir" passou a fazê-lo, como um anjinho... Não se trata de um milagre, como erroneamente poderia parecer, mas de fenômeno natural, segundo a Ciência Espírita. Foi coíno interpretamos, à luz da doutrina, as palavras do orador da noite

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LEIS: DIVINA, DE MOISÉS, E DOS HOMENS

A nossa fonte primeira é a matéria da "Revista Espírita", de Allan Kardec, ano **1861**, pg. **90**, citada por J. P. L. Crouzet, edição francesa do seu "Repertoire du Spiritisme", 2.^a ed., pg. **176**.

A ideia é a seguinte: Cristo foi o iniciador da pregação da moral mais pura, visando a transformar os homens pela caridade. A lei de Moisés é inferior à de Cristo, não sendo apropriada senão aos povos mais atrasados, mas, portava em germe, ou embrião, a moral cristã. "Moisés abriu o caminho, Jesus prosseguiu na obra e o Espiritismo a rematou".

A população primitiva não estava à altura intelectual de compreender outra linguagem, que não fosse a rudimentar. À medida do progresso da mente humana é que o Mestre foi dando instruções, para que os seus missionários transmitissem às massas as lições mais profundas, objetivando a um necessário aproveitamento. Por isso, Jesus preferia falar por meio de parábolas e a Bíblia está repleta de alegorias. Sabemos que a exemplificação é a maneira mais clara, de explicação.

O trabalho prosseguiu com os escritos de Allan Kardec. Foram convocados, nessa senda, os espíritos dos grandes médiuns escritores, através da literatura espírita. As livrarias estão expondo livros de todo o mundo, de sorte que a obra de divulgação continua por instrução dos Espíritos.

No Espiritismo o Criador concede sempre novos conhecimentos, paulatinamente, até a aquisição da verdade integral, somente ao alcance dos Espíritos mais adiantados ou "Espíritos puros". Por enquanto há, ainda, e por muito tempo, muito mistério a ser revelado a seu tempo e lugar; consoante os desígnios da Divina Providência. (Vide "Revista Espírita, ano **1863**, pg. **27**). A longevidade dos patriarcas, por exemplo, é uma figura moral ou alegórica, como

se pode ler na pg. **317** da "Revista Espírita", ano **1863**, ao fazer-se uma referência "como é preciso ler a Bíblia".

Na "Revista Espírita", ano **1864**, pg. **386**, e Crouzet, na obra citada, pg. **177**, fazem uma advertência séria contra a incredulidade — a praga primeira da sociedade e da desordem. Louis Henri dizia: "Eu quero sofrer, sofrer muito, para merecer mais depressa ser feliz", penitenciando-se daquele malefício, ao manifestar, também, o seu arrependimento demorado e tardio.

As leis emanadas de Deus são eternas, imutáveis e infalíveis, as outras são adaptáveis às necessidades da sociedade e dos homens, sujeitas, por outro lado, às imperfeições humanas. Nisso reside a diferença. (vide "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec, n.^{os} **614** e seguintes).

Nem todos os homens, embora possam conhecer as leis de Deus, possuem a faculdade de compreendê-las. Daí, a necessidade de cada um de buscar aprimorar-se, pelo seu desenvolvimento intelectual e moral e de informar-se, por exemplo, pela boa leitura; havendo, para muitos a necessidade de muitas reencarnações, para os que se desencarnam na ignorância, e alguns, por falta de tempo de se instruírem, por haver sofrido a transição em curta etapa.

A lei natural ou divina não pode ser ignorada, porque está escrita na consciência do indivíduo. A ninguém é lícito desculpar-se, alegando ignorar o que está certo ou errado ou o Bem e o Mal. Foi em relação ao alegado "esquecimento" dessas leis, que o Criador incumbiu os Espíritos superiores de lembrá-las. Mas, existe também os que falham nessa missão, deturpando o salutar sentido das mesmas, conforme a citação da nota n.º **625**, do "O Livro dos Espíritos" no Livro Terceiro "As leis morais".

"Se alguns dos que pretenderam instruir os homens na lei de Deus algumas vezes os desviavam para falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos demasiados terrenos e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que era apenas leis humanas, instituídas para servir às paixões e dominar os homens."

É por isso que o Codificador sempre recomendou que tudo o que vem dos Espíritos deve ser sempre estudado e analisado à luz da razão e da Doutrina Espírita.

O Espiritismo é o maior interessado e o mais cuidadoso separador do Joio do Trigo. Para criticar com autoridade é preciso conhecer bem qualquer assunto, a fim de não se cair no ridículo.

Perguntaram a Allan Kardec: — "Para agradar a Deus (omissis), bastará que o homem não pratique o mal? Ele respondeu: — "Não, cumpre-lhe fazer o bem, no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal que haja resultado de não haver praticado o bem." De sorte que também se peca por omissão. O egoísta e o comodista deixam passar as oportunidades que se apresentam, para

beneficiar o necessitado de auxílio. A caridade possui muitas facetas, por exemplo, a de consolar os aflitos, zelar por uma criança, etc., enfim buscar ser útil em todas as ocasiões de manifestação de amor ao próximo. Disse Kardec. ("O Livro dos Espíritos", no Livro Terceiro "As leis morais", n.º **646**):

"O mérito do bem está na dificuldade: não há nenhum em fazê-lo sem penas e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão, que o rico que só dá do seu supérfluo. Jesus já o disse, a propósito do óbolo da viúva."

MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Tais manifestações têm por fim convencer as pessoas interessadas em conhecer a verdade do Espiritismo, por meio de fatos, e a fornecer aos crentes mais alguns conhecimentos sobre o futuro, esclarecendo e melhorando as suas concepções e aptidões para o seu progresso intelectual e moral, principalmente aos homens "de gênio", através de inspirações ocultas.

Esclarecemos que as manifestações de efeitos físicos são, via de regra, produzidas por Espíritos inferiores, mas, possuem sua utilidade ("Revista Espírita", ano **1858**, pg. **13**). À página **150**, dessa obra, menciona-se que "os espíritos inferiores são os agentes subalternos dos Espíritos superiores" nas mesmas manifestações. Elas se constituem no alfabeto da Ciência espírita, vale dizer, a sua chave. Foram de maior importância no passado, que hoje ajudam no sentido de convencer os estudiosos ("Revista Espírita", ano **1864**, pg. **112, 122**). Contudo, há que ouvir a advertência de Saint Louis de não provocá-las, porque, as mesmas afastam a presença dos Espíritos sérios (in "Revista Espírita", **1860**, pg. **198**).

Esclarecemos que os fenômenos de efeitos físicos podem ser provocados ou espontâneos. Nós tivemos o testemunho de sua produção espontânea, embora no curso da manifestação nos foi dada a faculdade de comandar o procedimento, por força da alta concentração do pensamento. No nosso caso, houve movimentação de xícaras e de copos, assistida por nós e por várias pessoas da casa. As manifestações cessaram, quando passamos a frequentar as sessões do nosso Centro Espírita. Retornam, porém, sempre que nos demoramos a ir às aludidas sessões. Podem, a nosso ver, estarem aí representando um chamamento ao serviço. As manifestações, (dizem os autores), de qualquer natureza, nada possuem de sobrenatural, porém, se produzem em virtude das relações e das leis que regem os mundos visível e invisível ("Revista Espírita", ano **1864**, pg. **110, 115**).

À obra "O que é o Espiritismo", de Allan Kardec, registra uma advertência ao

ressaltar que os Espíritos não são auxiliares dos leitores da boa sorte. As pessoas crédulas são expostas a riscos e mistificações, quando se enveredam por esses caminhos. O fluido universal constitui o agente principal das manifestações, e sob sua condensação compõe o perispírito (de peri, ao lado, e espírito). A emanção desse fluido, em certos médiuns, é utilizada nas manifestações dos fenômenos de efeitos físicos ("Revista Espírita", ano **1858**, pgs. **121**, em diante e ano **1870**, pgs. **256/237**). Mescla dos fluidos do médium com o dos espíritos, na produção dos fenômenos ("O Livro dos Médiuns", n.º* **74/77**; vide, também, no capítulo V "Manifestações físicas espontâneas".)

FENÔMENOS DE TRANSPORTE

É o próprio Espiritismo o maior interessado em manter toda a cautela e seriedade na apreciação e estudo dos fenômenos espíritas. De sorte que merece, por isso, o respeito de todas as pessoas de boa fé.

No estágio atual dessa ciência, pode-se não adotar o Espiritismo, mas somente os tolos, ou muito ignorantes ainda, que não acreditam na sua realidade. As palavras escritas, de Allan Kardec, em seu "O Livro dos Médiuns", capítulo V "Manifestações físicas espontâneas", n.ºs **96 a 99**, constituem um princípio, hoje, da Doutrina espírita e em exemplo esclarecedor sobre fenômeno de transporte.

MEDIUNIDADE GRATUITA: Razões dessa conveniência

A regra do Espiritismo é dar gratuitamente o que se recebeu gratuitamente. Sobre o dom de aliviar a dor e curar as doenças, veja-se o Evangelho S. Mateus, X, v. **8**. Nada recebe pelos benefícios semeados o médium que, de alguma forma, já se pagou,' (vide S. Lucas, Evangelho, XXVI), mesmo nada aceitando em retribuição a sua medicina considera-se pago o médium que ostente vaidade, orgulho, etc. A sua ação deve ser anônima, discreta, desinteressada, enfim um ato de puro amor, em respeito a Deus e ao próximo. Embora, em quaisquer hipóteses, denote um bom espírito, em princípio, a prática da caridade, mesmo sob a capa daquelas virtudes negativas. Foi mais para valorizar a atuação do agente que se estabeleceu a norma de procedimento.

A finalidade do desinteresse do médium é, antes de tudo, para demonstrar a sua autenticidade aos olhos do povo. É a defesa de Moisés contra os incrédulos, homens imperfeitos, com tendência maldosa em seus julgamentos apressados, (vide "O Livro dos Médiuns", XXVIII e o Evangelho XXVI, n.º* **7/10**). A infração desse preceito, pelos médiuns de cura, no plano espiritual, tem sido a suspensão temporária de sua mediunidade, pois há casos que o trabalho precisa durar mais algum tempo. Os poderes mediúnicos não se enfraquecem com a retribuição. Escreveu o notável médium H. D. Bradley, em sua obra original em inglês "Towards the Star", traduzido pela Lake, em São Paulo, para "Rumo às Estrelas", **2.ª** ed., (essotada há muito), que os médiuns Home e Valiantine foram acusados pelos próprios colegas de receberem retribuição ou aceitarem presentes, em sinal de gratidão pelos benefícios que propiciaram às pessoas. Algumas dessas acusações foram, depois, desmentidas.

O fundamental será sempre a seriedade e a autenticidade dos fenômenos, vale dizer, o seu conteúdo e resultado verdadeiros e benéficos. O desinteresse do médium representa apenas um desarme aos olhos dos incrédulos, ou seja uma cautela tomada para uso dos homens. Até que a evidência por si mesma venha se encarregar de convencê-los da verdade. ^ -

A "Revista Espírita", ano **1860**, nos traz advertência dos espíritos sobre possíveis enganos dos médiuns e, também, daquelas entidades do espaço, em algumas comunicações. (Ver pg. **175**). O ciúme, a vaidade e o orgulho dos médiuns mais fracos podem atrair os maus espíritos e são, por isso, punidos por Deus (idem pg. **176**). Diz o doutrinador que os bons espíritos humanos são ajudados, em suas respostas, por espíritos dos desencarnados que o cercam.

Há médiuns que jamais foram enganados por má influência do Além, porque são assistidos somente por bons espíritos (idem pg. **177**). São raros os médiuns perfeitos (pg. **178**). É mais grave a atuação mistificadora ou fraudulenta de um médium não remunerado, que o faz por vaidade, promoção social, divertimento, do que produzir efeitos verdadeiros e salutares, aceitando, por exemplo, presentes, fruto do reconhecimento de pessoas de posses, muito gratas...

No "O Livro dos Médiuns", capítulo XXVIII "Charlatanismo e prestidigitação", n.º^{OB} **305 a 314**, de Allan Kardec, elucida a diferença entre médium sério e médium interesseiro e até fraudes espíritas.

Ver, também, como citação valiosa sobre o assunto em questão, no mesmo livro, passando para o capítulo XVIII "Contradições e mistificações".

DAS MISTIFICAÇÕES. CONTRADIÇÕES. CHARLATANISMO E EMBUSTE.

O Espiritismo é uma ciência muito séria e respeitável. No presente estágio de nossa civilização pode-se não adotá-lo, porém, jamais deixar de acreditar nele, ou melhor, nos fenômenos das manifestações e comunicações dos espíritos.

Para criticá-lo, (no sentido de elogiá-lo ou condená-lo) é preciso antes, conhecê-lo bem, pois quem o faz sem autoridade, sem conhecimento de causa, levemente, incide no risco da desinformação e se expõe perante a plateia mais instruída a cair no ridículo. Deverá, antes de tudo, saber discernir entre a Verdade e a mistificação, saber analisar e observar muito cautelosamente; consoante a lição de Allan Kardec, repetida em toda boa literatura espírita. Uma vez que é o Espiritismo o maior prejudicado pelas fraudes e mistificações, frutos dos maus espíritos inferiores do Além. De sorte que, conforme demonstraremos, a Doutrina sempre foi a primeira a denunciar essas práticas; sendo injusto ser por elas responsabilizada.

O verdadeiro médium não precisa fazer truques. O mistificador, ao contrário, faz-se passar por médium para iludir os ingênuos, com o objetivo de auferir vantagem ilícita, objetivando propiciar espetáculo ou divertimento ou mesmo simulando curas falsas. De sorte que, não é médium e sim impostor.

Já esclarecemos em outro capítulo deste livro que o verdadeiro médium pode ser enganado pelos espíritos inferiores, dos mortos, entre os quais existe os mistificadores e brincalhões. Estes últimos sim é que podem ser classificados como tais, não a entidade viva, que serve apenas de intermediário, de instrumento, no sentido da própria terminologia do vocábulo "médium", medianeiro. Esses casos são raros, pois os verdadeiros médiuns buscam instruir-se convenientemente e são assistidos por bons espíritos. A seguir, o sustentáculo das lições de Allan Kardec que com as nossas simples e modestas explicações se tomam mais fáceis, cremos de serem absorvidas pelo leitor. Consultar "O Livro dos Médiuns", capítulo XXVII "Contradições e mistificações".

AS PERTURBAÇÕES MENTAIS TRATADAS PELO ESPIRITISMO

O Espiritismo é um dos mais enérgicos preservativos contra as perturbações mentais graves. A loucura possui como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, embora inúmeras sejam as causas capazes de produzi-las ou detoná-las.

A loucura não é hereditária, mas, apenas, se herda uma tendência, a qual varia, quer em número de descendentes, quer em grau, não atingindo senão um ou outro indivíduo. Os outros ficam imunes.

O grande escritor espírita J. P. L. Crouzet, em sua notável obra "Repertoire du Spiritisme", pg. 317, anota que a "Revista Espírita", (ano 1863, pg. 51/59), traz a relação das circunstâncias e causas do suicídio. Ressalta o escritor, à evidência, que no caso, em exemplo, o Espiritismo fez desaparecer a obsessão que perseguia a vítima, mesmo nas trevas. Em outra existência o suicida havia instigado o seu obsessor ao auto-extermínio. ("Revista Espírita", ano 1869, pgs. 26/28).

O evento suicídio nada teve a haver com a prática do Espiritismo, o qual apenas interveio, findo o processo, para determinar a causa e amainar os seus efeitos, a fim de que os espíritos tivessem paz, se reconciliassem e iniciassem a senda do progresso espiritual.

Entre as causas detonantes das perturbações ou alienações mentais se arrolam a sífilis e os tóxicos, principalmente, o alcoolismo crônico, a maconha, cocaína, etc. A medicina convencional adverte que acima de dois maços de cigarros diários pode ocorrer a intoxicação, que leva metade da população dos sanatórios ao desespero das internações frequentes. Os primeiros sinais são a palidez da pele e o tremor¹ das mãos. Tal como acontece com os alcoólatras inveterados, o tóxico, entra na circulação do sangue e, inexistindo espaço para a sua eliminação, com a continuidade o vício, agora, doença está instalada. Foge ao controle do agente incapacitando-o, para todas as suas atividades do convívio social e familiar.

Com relação ao alcoolismo o processo de intoxicação do organismo é o mesmo. Os médicos especializados costumam esclarecer que duas embriaguês por semana não leva ao vício, como pequenas doses diárias, de aperitivo habitual. É que, no primeiro caso, o organismo possui tempo ou espaço, para eliminar o tóxico da circulação e recompor-se, ao passo que, na segunda hipótese, acontece o contrário e o agente vai exigindo, no decorrer dos dias, mais doses, e em

menos tempo adquirindo a doença. Sintomático será observar que o viciado substitue o álcool pelo café da manhã. De sorte que é a frequência e não a quantidade que afeta o corpo.

Há muita falta de divulgação 'do assunto que, aqui, procuramos minimizar, por amor ao próximo, tarefa não apenas nossa, mas de todo bom cristão. Pelo menos evita-se a insídia, para aqueles que se dizem traídos pela falta de conhecimento da matéria. Outro aspecto que não pode ser ignorado: o tratamento do alcoólatra nos sanatórios serve apenas para evitar, em primeiro plano, que tenham acesso à bebida e em segundo lugar, para desintoxicar o seu organismo, criando condições consequentemente para voltarem a beber, quando cesse a internação. Daí, aconselharmos que a família do doente tentem auxiliá-lo com uma ou duas (no máximo) internações, porque a sua recuperação depende essencialmente do controle de sua vontade. Geralmente, o indivíduo desintoxicado volta imediatamente ao vício, com mais disposição. Infelizmente, o viciado, sem força de vontade e fé em Deus, só deixa o seu atrativo, quando as suas condições orgânicas o impede de prosseguir, por exemplo, por efeito das cólicas de rins e fígado. Estas, por suas dores, podem superar o prazer do vício, afinal... Ê quando diz "não aguento mais".

MEIO DE SALVAR O EMPREGO DO VICIADO

Às vezes, o alcoólatra contumaz fica ameaçado de perder o emprego, deixando a família desamparada. O vício é considerado falta grave. Como admitir que um mestre-escola, por exemplo, apareça à escola embriagado? Ele que deve educar, com o bom exemplo?

Nessa hipótese, a família deve interná-lo em uma tentativa de sanar o mal. A prova da doença servirá de justificativa, documental, para o requerimento de licença, objetivando o tratamento da saúde. Se a família for rica é só reservar vaga no sanatório e encomendar uma ambulância, com enfermeiro, para o transporte. Se pobre, esperar ou provocar a embriaguês e com receita médica (uma vez que o tran- quilizante inapropriado pode dar choque com o álcool), a fim de transportar de carro o paciente, para o hospital, semiconsciente. Isso, no estado adiantado do alcoolismo crônico é óbvio tomar a cautela de revistar o paciente, o qual pode trazer, por exemplo, uma arma consigo antes de transportá-lo. As ameaças anteriores, de bêbado, nada significam. Costuma ele esquecê-las, após a sua internação.

SE O EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE PODE PROVOCAR A INVASÃO DE MAUS ESPÍRITOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Essa pergunta foi feita a Allan Kardec, que a respondeu na "Revista Espírita", ano **1863**, pgs. **6/8**, além do mencionado no seu "O Livro dos Médiuns". O codificador do Espiritismo se refere mais aos médiuns não suficientemente preparados e treinados, para essa espécie de trabalhos.

Os médiuns devem cursar as escolas dos Centros Espíritas especializados e não podem prescindir da leitura constante dos bons livros doutrinários, fontes das lições obrigatórias, para um salutar desenvolvimento, completado pela frequência às sessões espíritas e, sobretudo, pela prática dos princípios da Doutrina. Somente isso lhes dará boas condições para desempenharem, com êxito e sem inconveniente a sua dignificante tarefa. De sorte que assim vencerão os "escolhos" do caminho indicado por aquele Professor, aqui:

A pergunta se torna mais racional e mais séria se, aceitas a existência dos Espíritos e sua ação, for assim formulada: O exercício da mediunidade pode provocar numa pessoa a invasão de maus Espíritos e suas consequências?

Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que multiplicamos, em O Livro dos Médiuns, as instruções a tal respeito e não temos cessado de recomendar o seu estudo, antes de se entregarem à prática. Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsidiados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os noviços, muitas vezes, só adquirem às próprias custas. Dizemô-lo ainda, sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber química/* ("Revista Espírita", ano **1863**, pg. **6**.)

A CREMAÇÃO DO CADÁVER, ANTE A CRISE DA MORTE

A cremação do cadáver se faz em dependência, especialmente preparada, de alguns cemitérios. Exige-se pedido por escrito da própria pessoa que irá ser cremada, quando ainda em vida ou, por ato de parente próximo do defunto, à repartição municipal competente. As informações devem ser colhidas junto ao serviço funerário.

As cinzas resultantes da operação terão o destino determinado pela vontade manifestada no pedido original, podendo ser entregue à família do cremado. Essa prática dispensa a compra de terreno, para o sepultamento, bem como as despesas de construção do jazigo, etc. Se, por um lado, essa providência facilita as coisas para a família do desencarnado, no plano espiritual há considerações que merecem ser despertadas.

Define-se o fenômeno da letargia como o estado em que as funções da vida estão atenuadas a ponto de parecerem suspensas. Por isso, a medicina aconselha, além do exame médico, algumas práticas caseiras, como a introdução de um canudo plástico no interior do ouvido do cadáver, capaz de denunciar a vida latente através de movimento da pupila, ou a produção do mesmo veículo, pela garganta abaixo, do morto, a fim de provocar a tosse, sinal de vida, etc.

À morte clínica precede a morte cerebral definitiva. Mas, não só isso encontramos no livro espírita "A morte e os seus mistérios", de Ernesto Bozzano, uma das maiores expressões do Espiritismo. Conforme esse autor, na crise da morte, o nosso perispírito e espírito podem abandonar, parcialmente, o corpo físico, antes de desprender-se de vez. Nesse estágio, pode até acontecer que volte à nossa matéria somática, para propiciar a continuação da vida.

Segue-se a paralização das funções cerebrais. Mas, embora em alguns casos apenas os sinais exteriores de morte podem enganar o diagnóstico médico, que conclui pelo óbito, ante a ausência de pulso e da respiração, a descoloração da pele e a rigidez do corpo. É que, em raras hipóteses, pode ocorrer o estado de letargia, o qual apresenta o mesmo quadro clínico, ainda assim o indivíduo continue com vida latente. Esse fenômeno é chamado de morte aparente. A comprovação dessa possibilidade já foi feita em caso de exumação do cadáver enterrado, apresentando-se o caixão com claros sinais de arranhões, na parte superior e interior da respectiva tampa.

Contudo, não é só. É que a cremação do cadáver pode trazer grave perturbação ao perispírito, não estando este definitivamente desligado do corpo.

O prazo varia de indivíduo, para indivíduo. Explicamos, o possuidor de um bom espírito liberta-se mais facilmente e mais depressa, do que o portador de um mau espírito. E, para as autoridades sanitárias o prazo para o sepultamento é programado para, mais ou menos, **24** horas... A cremação, também, não deve ser indefinitivamente retardada. Por fim, após uns **3** ou **4** dias, começa a putrefazer-se a matéria orgânica.'

Embora a letargia e a catelepsia impliquem na perda temporária da sensibilidade do movimento, diferem uma da outra em que naquela a suspensão das forças vitais é geral e na última parcial, não fornecendo a aparência de morte, o que diminui ou exclui a possibilidade de erro no diagnóstico médico. ("O Livro dos Espíritos", Allan Kardec, n.º **424**). Aliás, a pró-terminologia o indica. Letargia, dá a ideia de letal, relativo à morte. (Vide "Revista Espírita, ano **1858**, pgs. **85/86**).

Não queremos assustar ninguém. Como dizemos, os casos de letargia são raríssimos. Martins Oliveira em seu livro "Psicose da Morte e da Vida":

"Após a histórica sessão do Senado francês, realizada, como disse, em **27** de fevereiro de **1866** e durante a qual o Cardeal Donnet demonstrou até à saciedade a existência incontroversa dos enterramentos prematuros, foram realizados em Paris, Londres, Berlim e Moscou, congressos especiais, onde o assunto foi discutido por grandes cerebrações da época.

NOTA: O cemitério de Vila Alpina, em São Paulo, se encarrega da cremação de cadáveres. No caso espírita, consoante as suas instruções, antes de sua transição o corpo é colocado em geladeira própria, por **72** hs. e só decorridos esses **3** dias, mais o tempo do velório, é queimado dentro do caixão que o transportou. Só restarão as cinzas. Sempre que houver possibilidade, estas são entregues à família que pode depositá-la em recipiente, a fim de colocá-lo, se for o caso, no jazigo da família.

Nessas reuniões científicas de repercussão universal, os sábios de todos os países civilizados, sem exceção de um único, admitiram que só existe um processo absolutamente infalível de reconhecer a morte. É a decomposição do cadáver.

Infelizmente, porém, a denunciadora mancha verde, característica [indubitável da morte real, só aparece no abdômen uns três ou quatro dias depois de ter cessado a vida. Ora, como se sabe, todos os enterramentos se efetuam entre nós, por motivos sociais e profiláticos, apenas vinte e quatro horas após se ter verificado o óbito." Como a opção pela cremação do cadáver possui muito interesse prático, fomos buscar em uma obra de um notável escritor e médium — H. Dennis Bradley, "Rumo às Estrelas", tradução nacional da Lake, do original em inglês "Towards the stars". Uma informação de um Espírito Johannes, recebida pelo próprio Bradley, sobre a matéria. Ali se diz que, no caso de falecimento, não existe um prazo certo para o desprendimento do perispírito do cadáver, mas, pode durar até "uma semana", (pgs. **255** e **256**).

A MENSAGEM DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Houve na televisão um programa que despertou grande interesse público, sob o título "Encontro com a paz", do Canal 7, dirigido pelo grande apresentador Hélio Ansaldo.

O vídeo transmitiu, diariamente, excelentes mensagens de um de nossos maiores médiuns, Francisco Cândido Xavier. Dele extraiu uma transmissão do consagrado medianeiro, a respeito da matéria da cremação do cadáver.

Disse o médium que só após 72 horas o corpo está liberto, para a sua encineração sem os transtornos da crise da morte, a que no tópico precedente nos referimos. Acrescentou, porém, que, para aliviar ou abolir o sofrimento, fruto da precipitação da queima do cadáver, os Espíritos protetores, em sua misericordiosa atuação, ministram um sedativo, algo parecido com a anestesia médica terrestre. Isto para tranquilizar os parentes dos desencarnados, que, eventualmente, hajam sofrido semelhante processo.

O DIVÓRCIO, SEGUNDO O ESPIRITISMO

O Espiritismo não pode ser a favor do divórcio, que infelicita todos os membros da família dos cônjuges. Tolerá-lo em casos de extremos sofrimentos, nos limites do suportável: "foi por causa da dureza dos vossos corações (disse Jesus), que Moisés permitiu despedissemos vossas mulheres". Mas, tal permissivo funciona como uma espécie de moratória. Os que Deus uniu só a morte pode, definitivamente, separar. A união do homem com uma mulher participa da programação do Além, no período pré-encarnatório.

Como parceiros foram consultados e escolheram, dentro dos princípios da lei do livre arbítrio, juntos, as provas pelas quais deveriam passar, até o fim, no planeta Terra. Na hipótese de dissolução da sociedade conjugal por ação humana, se as partes transgrediram a lei Divina, não cumpriram as suas promessas e faltaram com as suas obrigações. De sorte que ficaram devendo muita coisa em relação ao resgate de seus débitos.

Em consequência disso, devem reencarnar-se, ligarem-se pelos laços do matrimônio, a fim de completarem o tempo faltante. Até que a morte os separe,

segundo a lei.

Mas, do presente trabalho, mostramos que há a lei dos homens que podem ser alteradas segundo os costumes do lugar e dos tempos; e as Leis Divinas, estas imutáveis. A lei do divórcio se situa entre as primeiras, que tem a sua utilidade na regularização das relações humanas. Os casamentos sem afinidade e sem o amor são as uniões não duráveis.

Às vezes, a separação são mesmo inevitáveis, quando o sofrimento da vida em comum torna-se insuportável, ou para evitar mal maior. Contudo, a lei civil deve conciliar-se com a da religião, consoante a lição do Evangelho, XXII, n.^o 1/4. O divórcio, apenas, separa, na prática, legalmente os casais já separados de fato espiritualmente. De sorte que, nessa hipótese, não afronta à lei divina. Jesus falou sobre o divórcio (Evangelho, cit. XXII, n.^o 5). A matéria do casamento, do celibato e da poligamia, foi estudada por Allan Kardec, no "O Livro dos Espíritos", n.^{os} 695/701).

NOTA: Aqueles que não são felizes no casamento é porque ainda não encontraram a sua outra metade de "laranja". O ser humano só é completo, a dois. Se não o conseguiu, em uma encarnação, pode alcançar a felicidade em outra.

O BELO E O SEXO

O belo é apreciado em toda a natureza, nos animais, e nas coisas. No ser humano é um atributo pessoal, por conquista do espírito que habita o corpo. Do mesmo modo a fealdade, contrário senso, representa uma relação de demérito.

A imagem de Jesus e dos quadros, nos quais os pintores sugerem as suas moradas e as dos templos, por exemplo, são pintadas com as mais lindas cores. Os maus espíritos, ao revés, são retratados com pinceladas sombrias e desagradáveis à vista. Contudo, nos seres humanos, quando a beleza física não é acompanhada pela riqueza interior do espírito, sentimos que a primeira perde muito de sua expressão. Do mesmo modo que a beleza interior das criaturas, com a convivência com outro ser, pode ganhar atração de agrado. Nem a beleza física, nem a espiritual é fundamental na atração dos sexos, mas, elementos complementares e necessários ao relacionamento amoroso ideal.

Todos os temas humanos interessam ao Espiritismo e vários autores se incumbiram de focalizar a matéria. Passemos, pois, às citações nas quais nos escudamos. Do livro "Devassando o Invisível", da médium e escritora Ivonne A. Pereira, pg. 80/81, pinçamos:

"Ainda na mesma oportunidade, afirmou o instrutor espiritual Charles que Frederico Chopin seria a reencarnação do poeta romano Ovídio, que viveu cerca de quarenta anos antes do Cristo, falecido no ano 16 da nossa era, e do pintor italiano Rafael Sanzio; pois que o intelectual, o artista, na sua evolução pelo roteiro do Saber, dentro da Arte, há-de passar por todas as suas facetas,

sublimando-se até à comunhão com o Divino. E que Espíritos como Çhppin, Beethoven, Mozart, Bellini, Rossini, etc., naturalmente bondosos, embora ainda não santificados ou plenamente redimidos, não têm grande necessidade da reencamação, porque progredirão mesmo no Espaço — a habitação normal dos seres espirituais, a verdadeira Pátria, como casa paterna; que vêm à Terra quando o desejam, e por uma especial solidariedade para còm os humanos, a fim de estimularem entre estes o amor pelo Belo; pois que esse atributo, o Belo, é tão necessário às almas em progresso, quanto o Amor, visto tratar-se também de um dos atributos do próprio Criador de Todas as Coisas, e que, sendo o Universo uma expressão da Beleza Divina, e sendo o homem destinado a se tornar a imagem e a semelhança de Deus, deverá igualmente comungar com o Belo, a fim de poder compreender o Universo, e com ele vibrar em toda a sua arrebatadora, feérica e harmoniosa beleza. No entanto, todos os grandes artistas e gênios consagrados ao Belo deverão passar, outrossim, pelos ásperos caminhos das experiências e dos testemunhos, embora muitas vezes sem o caráter expiatório, até que, como toda a Humanidade, cumpram os ditames da lei do amor a Deus e ao próximo, a par da própria característica de intérpretes do Belo através das Artes/*

Ver, também, no livro "Rumo às Estrelas", de H. D. Bradley, o assunto tratado sobre sexo no Além, no capítulo III "A Filosofia do sexo".

O QUE EXISTE CONTRA A EVOCAÇÃO DOS MORTOS

A Bíblia Sagrada é dividida em o Velho e o Novo Testamentos. O primeiro vem de Moisés, cujo texto foi traduzido do hebraico e o segundo de Jesus Cristo, tradução do original grego. Os textofc do Levítico (Cap. 19, n.º 31) e do Deuterômio (Cap. 18, n.º 11 e 12), do Velho Testamento, realmerite proibida aos israelitas e aos cristãos quaisquer comunicações com os mortos. Mas, ao mesmo tempo, (Êxodo, Cap. 18, n.º 15) Moisés se reservava para si essa prática: "porque, (diz), o povo vem a mim para consultar a Deus". Logo, a possibilidade ficou comprovada e limitada a quem possuía maiores habilitações, do Alto, para exercê-la, prevenindo o mau uso da mediunidade aos espíritos inferiores da Terra.

A Bíblia atual (Novo Testamento) suprimiu quaisquer referências sobre a matéria. (Vide Allan Kardec, em "O Céu e o Inferno, XI, n.º I). Moisés, recebia, como médium, as mensagens do Espírito do Senhor. É a ilação que se deve retirar

da lição.

Em outro capítulo desta nossa obra estabelecemos a distinção entre as leis de Moisés e as leis divinas. Estas são invariáveis e permanentes e se dirigem aos espíritos em geral, ao passo que a legislação mosaica é adaptável aos usos e costumes do homem. Consequentemente, para cada época, mutável, consoante à conveniência do povo e, sobretudo, a seu baixo grau de instrução e entendimento. Serve como freio de paixões e como prevenção contra a prática do mal, que espíritos atrasados, ignorantes e bestiais, pudessem produzir sem o necessário preparo, inclusive, para defender-se e a seu semelhante, das malignas influências. À medida que a humanidade progride, no tempo e no espaço, moral e intelectualmente, o Espiritismo, em doses apropriadas, vem liberando as comunicações com o Além.

Após, essas breves considerações, passemos à fase das citações da Literatura Espírita, onde recorreremos para esclarecer as dúvidas e objeções contrárias às lições dos versados sobre o assunto. Consultamos os dados da "Revista Espírita"; de Allan Kardec, ano **1863**, pg. **310**, em diante, a qual insere artigo do "Jornal de Estudos Psicológicos, vol. **8**, ano VI.

O ESTILO E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Um membro de uma Academia de Letras, nosso colega e amigo, adepto de culto diferente do Espiritismo, mas estudioso» da Literatura Espírita, estranhou, não só a qualidade como o estilo, de uma comunicação psicografada, atribuída a Humberto de Campos. Como crítico especializado no assunto fez uma pergunta, cheia de dúvida. Indagava sobre a possibilidade de haver o espírito daquele escritor, desencarnado, regredido em sua arte, no Além.

Agradei ao perguntador a oportunidade que nos deu de esclarecê-lo e, como a matéria é de interesse geral, transplantamos a indagação para este livro. Resumindo o nosso pensamento informamos que no espaço há, como entre os vivos, espíritos atrasados e inferiores como existe os de diversos graus de adiantamento, e muitos superiores aos da escala humana. É que quando passamos para o lado de lá levamos a nossa bagagem intelectual, aumentando-a com os nossos estudos do Além.

Contudo, o nosso desenvolvimento é individual. De sorte que leva muito tempo para os espíritos atrasados, ou de pouca instrução, melhorar a sua condição. Além disso, o atraso pode não ser só intelectual, mas, também, moral. Decorre, daí, a

possibilidade de certos desencarnados, por vaidade ou brincadeira conosco, assumir a identidade de grandes escritores a fim de nos confundir. Por isso, é preciso analisar bem o conteúdo de cada comunicação, com conhecimento de causa, para aceitar tudo aquilo que nos convence da veracidade dos fatos, repudiando o que estiver contra a razão e o bom senso.

É óbvio que há comunicações autênticas ou verdadeiras ao lado das outras, de duvidosa procedência. Ninguém, como o conhecedor da matéria, para distinguir o erro da verdade. Partindo dessas premissas, no caso concreto, a mensagem atribuída ao espírito Humberto de Campos não pode ser de sua autoria, o que não quer dizer que o escritor, em outra oportunidade, não possa enviar à psicografia trabalho notável de seu próprio espírito.

Pensamento, intelecto, personalidade, individualidade, emoção, afeição e memória, tudo isto sobrevive à morte de nosso corpo. Constituem vibrações eternas do espírito. É a informação do grande médium e escritor inglês H. Dennis Bradley, em sua obra "Rumo às Estrelas", nas páginas 40 e 41, da qual descreve o autor uma sessão espírita, onde se esclarece a respeito do progresso intelectual do espírito, depois da transição.

Finalmente, a escritora espírita Ivonne A. Pereira, recentemente desencarnada, que possuía grande experiência, pois psicografava muito bem, como fez em vários romances, tais como "Nas Voragens do Pecado" e "Nas Telas do Infinito", revelou a matéria da dificuldade de comunicação dos espíritos. Elucidou que obras autênticas de ilustres desencarnados podem não apresentar as mesmas características de estilo das entidades comunicantes e explica porque:

"Existem ditados mediúnicos, mesmo romances — e poderíamos citá-los — considerados imitações por muitos observadores, porque não trazem o característico do estilo literário daquele que espiritualmente o concedeu. No entanto, sabemos que a obra, realmente, é daquele cujo nome figura no volume. O que se passa é que transmitir o estilo integral é uma tortura para certos médiuns, como trabalho exaustivo para o autor, razão por que nem sempre este obrigará seus medianeiros ao penoso labor, visto o intento de uma obra espírita ser a sua finalidade moral-educativa-doutrinária e não propriamente a simples realização literária. De outras vezes, porque o médium não apresente os recursos necessários, dá-se uma como tradução no seu pensamento. Este, o médium, recebe o ditado e transmite-o para o papel empregando sua própria linguagem, o que resulta na desfiguração do estilo literário do escritor comunicante, se se tratar de literato conhecido na Terra/

OS RISCOS QUE CORREM OS MÉDIUNS POR IMPRUDÊNCIA

Na obra "Mediunato", tomo I, vol. 2.º, do prof. Rino Curti, encontramos a seguinte advertência dos malefícios que podem ocorrer, em uma sessão espírita, durante os trabalhos de efeitos físicos, feitos no escuro (ou na penumbra); quando alguém, "de repente, quisesse acender a luz e estabelecer uma verificação qualquer, abrupta e estentoriamente, para averiguar qualquer possibilidade de fraude. Poderia ser de efeito desastroso, com a possibilidade até do desencarne do médium. Para o esclarecimento dessa relevante matéria, passamos a transcrever o porquê de tal ocorrência, tirada da página 83, sob o título "Indutância".

"Não se pode fazer com que um corpo parado passe a mover-se com certa velocidade de maneira instantânea. Analogamente, não se pode parar instantaneamente um corpo em movimento.

Um corpo parado oferece inércia ao movimento; e, em movimento, possui energia que não pode ser anulada de chofre. Um freio, por melhor que seja, parará um carro que se mova a uma certa velocidade, numa distância que dependerá desta mesma velocidade. Qualquer obstáculo que se interponha provocará avarias ou desastre.

Num circuito elétrico acontece algo semelhante. Quando se fecha um interruptor, a corrente que se estabelece no circuito não o faz instantaneamente; leva um certo tempo, embora muito pequeno, dependendo do circuito. Analogamente, quando se interrompe uma corrente elétrica acontece o mesmo. A sua anulação não é instantânea. Quando se desliga a chave geral, numa casa, com tudo ligado, é comum observar-se uma faísca. A corrente, não encontrando mais o condutor, abre um arco. Se a corrente for muito forte, como num circuito industrial, o arco pode assumir graves proporções e destruir tudo. Por isso, tais circuitos são abertos ou fechados com o uso de dispositivos capazes de evitar isto. É como se quiséssemos parar um carro numa parede.

No circuito há propriedade semelhante. No estabelecimento da corrente mental há armazenamento de "energia mentoeletromagnética no campo da associação mental entre a entidade comunicante e o médium". Na interrupção da corrente, a energia acumulada é restituída. Em ambos os casos, entretanto, não de forma instantânea, ou por mudança brusca. Se esta se efetuar, há "descarga magnética, com efeitos que se hierarquizam conforme a intensidade da integração em andamento, porquanto o circuito mediúnico, envolvendo

implementos fisiopsicossomáticos e tecidos celulares complexos no plano físico e no plano espiritual, mostra-se fortemente indutivo". ([2]. Cap. VI).

Não pode haver interrupções intempestivas, pois podem operar-se "desajustes e perturbações físicas, perispiríticas e emocionais de resultados imprevisíveis" para ambos.

Por exemplo, num trabalho de efeitos físicos, feito no escuro, suponhamos que alguém, de repente, quisesse acender a luz e estabelecer uma verificação qualquer, abrupta e estentoriamente, para verificar qualquer possibilidade de fraude. Poderia ser de efeito desastroso, com a prova até do desencarne do médium."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÉU E O INFERNO, (O) — Allan Kardec. **2.**" edição(esgotada). São Paulo, Lake, **1977.**

DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO — Jaime Séguier. s/ed.

Porto (Portugal), Edição de José & Edgard Lello, s/d. ESPIRITISMO APLICADO, (O) — Eliseu Rigonatti. **5.**" edição. São Paulo, Pensamento, s/d.

ESTUDOS DO ESPIRITISMO — João Teixeira de Paula. s/ed. São Paulo, Ed. Beis, **1960.**

EVANGELHO DOS HUMILDES, (O) — Eliseu Rigonatti. **3.**" edição. São Paulo, Pensamento, s/d.

EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, (O) ^ Allan Kardec.

28.^a edição (com índice remissivo). São Paulo, Lake, **1985.** GÊNESE, (A) — Allan Kardec. **14.**^a edição (com índice remissivo). São Paulo, Lake, **1985.**

LIVRO DOS ESPÍRITOS, (O)^ — Allan Kardec. **44.**" edição (com índice remissivo). São Paulo, Lake, **1985.**

LIVRO DO\$ MÉDIUNS, (O) — Allan Kardec. **11.**" edição (com índice remissivo). São Paulo, Lake, **1984.**

MAGIA DO HIPNOTISMO, (A) — Martins de Oliveira, s/ed.

Porto (Portugal), Ed. Progredior, **1951.**

MARGEM DO ESPIRITISMO, (À), (Refutação à crítica feita à parte filosófica do Espiritismo) — Carlos Imbassahy. **3.**" edição. Rio de Janeiro, FEB, **1981.**

MECÂNICA PSÍQUICA — W. J. Crawford. **2.**" edição. São Paulo, Lake, **1975.**

MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS, (A) — Eliseu Rigonatti. **5.**"

. edição. São Paulo, Pensamento, s/d.

MENSAGEIROS, (OS) — Francisco Cândido Xavier/ pelo Espírito André Luiz.

17." edição. Rio de Janeiro, FEB, **1984.** METAPSÍQUICA HUMANA (Refutação do livro René Sudre) — Ernesto Bozzano. **3.**" edição. Rio de Janeiro, FEB, **1980.**

MISSIONÁRIOS DA LUZ — Francisco Cândido Xavier/ pelo Espírito André Luiz. **17.**ª edição. Rio de Janeiro, FEB, **1984**.

MORTE E SEUS MISTÉRIOS, (A); vols.e II — Camille Flammarion. **3*** edição. Rio de Janeiro, FEB, **1982**.

NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO — Divaldo P. Franco/ pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. **3.**ª edição. Rio de Janeiro, FEB, **1984**.

PSICOSES DA MORTE E DA VIDA — Martins de Oliveira, s/ed. Porto (Portugal), Ed. Progredior, **1951**.

QUE É O ESPIRITISMO, (O) — Allait Kardec. **21.**ª edição. São Paulo, Lake, **1982**.

REENCARNAÇÃO BASEADA EM FATOS — Karl E. Muller. **3.**ª edição. São Paulo, Edicel, **1983**.

REPertoire DU SPIRITISME — J. P. L. Crouzet. **2.**ª edição, l.ª no Brasil. Rio de Janeiro, FEB, **1976**.

REVISTA ESPÍRITA (Jornal de Estudos Psicológicos) — Anos: **1858; 1859; 1860; 1861; 1863; 1864; 1865; 1867; 1869**. — Allan Kardec. São Paulo, Edicel.

RUMO ÀS ESTRELAS — H. D. Bradley. São Paulo, Lake, edição esgotada.

52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA — Eliseu Rigonatti. **3.**ª edição. São Paulo, Pensamento, s/d.